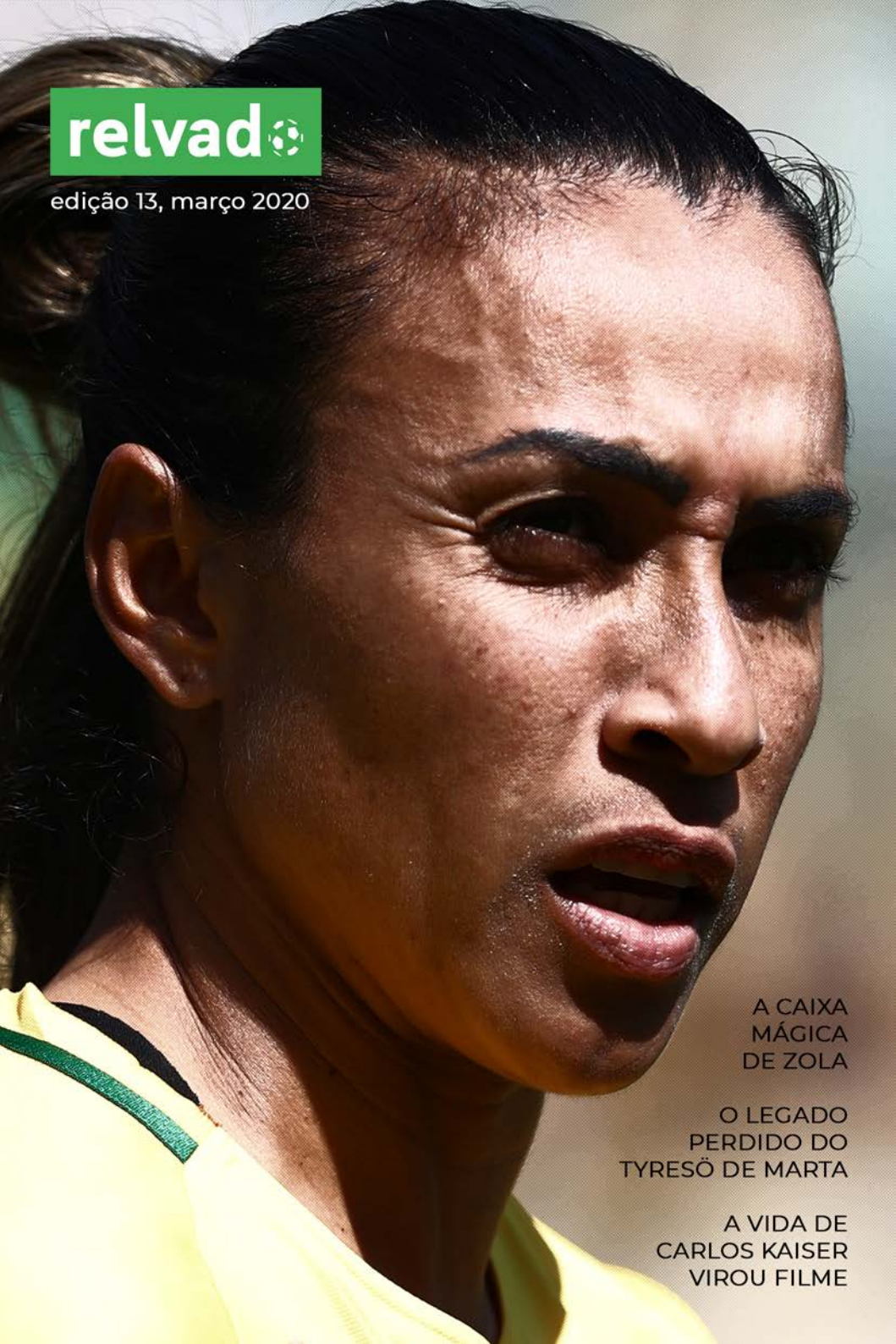

relvado
edição 13, março 2020
A CAIXA MÁGICA DE ZOLA
O LEGADO PERDIDO DO TYRESÖ DE MARTA
A VIDA DE CARLOS KAISER VIROU FILME

relvado

edição #13, março 2020

Impressão
Gráfica Letras e Versos

Redação e Revisão
Eduardo Madeira Jr.
Felipe Portes
Fernando Cesarotti
Javier Freitas
Tiago Melo*
Wladimir Dias

Arte e Diagramação
Felipe Portes

Agradecimentos
Louis Myles

Contato
E-mail: revistarelvado@gmail.com
Twitter/Instagram/Facebook: @revistarelvado
revistarelvado.com.br

revistarelvado.com.br/assine-a-relvado

índice | relvado 13

5 EDITORIAL: MAIS DO QUE A VERDADE

7 BOTÕES: ARGENTINA 2002

9 DETALHES: CERTOS TÉRMINOS NÃO TÊM VOLTA

11 NO CABIDE: ÁFRICA DO SUL 1998

13 EVARISTO É BAHIA E BAHIA É EVARISTO

17 OITO CONTRA ONZE

21 AS VEIAS ABERTAS DE CAMPOS

27 CAMPEÕES MUNDIAIS E ATLETAS OLÍMPICOS

33 GALÁCTICAS ATÉ QUE NÃO MAIS

39 VOLTA OLÍMPICA RESSIGNIFICADA

43 PARTIR SEM OLHAR PARA TRÁS

49 A CHAGA CATALÃ DE BOBBY ROBSON

53 A FRACASSADA EXPERIÊNCIA MILIONÁRIA QUE AGITOU PARIS

59 TÉCNICO POR 30 MINUTOS

65 O DIA EM QUE O MANCHESTER CITY RENASCEU

69 A CAIXA MÁGICA DE ZOLA

75 ENTREVISTA COM LOUIS MYLES

Mais do que a verdade

Editorial | Por Felipe Portes

No jornalismo, todo texto começa a partir de uma busca pela verdade, e em cada pesquisa se objetiva alcançar a clareza dos fatos por meio de relatos de fontes e dados obtidos. É a síntese do ofício, embora ao longo do último século a balança entre interesse do público e a verdade tenha ficado desequilibrada. No mundo da literatura e da arte, a verdade é um detalhe. A necessidade de ficcionalizar a sociedade é mais do que uma abordagem narrativa: é uma forma de encarar nossa perspectiva de mundo ideal, ou percepções distópicas de uma realidade que jamais existirá. Quantos clássicos você já leu? E em quantas histórias você embarcou completamente,

firmando um pacto na suspensão da descrença com um autor? Para que uma narrativa ficcional faça sentido ou se torne em uma viagem, é preciso partir do pressuposto de que tudo que se diz ali é verdade. Essa opção por se desligar do mundo concreto para viver uma história fantasiosa não é exclusividade literária. Carlos Henrique Raposo, conhecido nacionalmente como Carlos Kaiser, levou isso a sério demais em seu sonho de ser jogador de futebol. Nem tanto pela vontade de viver da bola, mas sim dos luxos e das facilidades envolvidas no mundo de um futebolista de elite.

Sua história foi contada no documentário *Kaiser: The Greatest Player Never to Play Football*, título dado por Renato Gaúcho, amigo do ex-pseudo-jogador. Para Renato, Kaiser foi o maior atleta a nunca ter jogado futebol. Mas por quais questões passamos além da mentira inicial de Carlos, que de fato nunca foi um atleta profissional? Como manter relações com quem tem fama no meio? Como continuar enganando pessoas sobre sua profissão? Mais importante do que isso: como manter uma convivência em que ambos os lados sabem e se beneficiam de uma farsa? Aliás, a palavra farsa requer cuidado neste contexto. Kaiser podia oferecer relações que interessavam aos jogadores. Isso o colocava em posição de se misturar em um plantel, vestido e apresentado como craque, mas sem pegar na bola em nenhum momento. Não eram, puramente, mentiras. Eram relações calcadas em uma troca. Como retribuição, os jogadores e dirigentes poderiam lhe abrir passagem em vários lugares. Será que a verdade importa em um contexto tão específico? A quem interessa saber os fatos reais de uma história tão complexa e curiosa? Nós é que escolhemos no que acreditar.

Carlos Kaiser é um sujeito que está acima da verdade. A partir de sua trajetória curiosa - e nebulosa - precisamos crer em vários falsos pressupostos. De que importa querer saber se ele é mesmo quem diz ser? E se o próprio futebol não for o que imaginamos? Pouco importa. Estamos aqui pelas boas histórias, assim como Kaiser e o diretor de seu filme, o inglês Louis Myles. É ele quem vai nos contar melhor sobre esse folclórico personagem brasileiro na entrevista que encerra esta edição da *Relvado*. ■

lado b dos botões: argentina 2002

texto: wladimir dias | arte: felipe portes

País | Argentina
Período | Copa do Mundo de 2002
Campanha | Eliminada na primeira fase
Time base | Cavallero; Pochettino, Samuel, Placente; Zanetti, Simeone, Verón, Sorín; Ortega, Batistuta e Cláudio López (Kily González). Téc.: Marcelo Bielsa

Desde que as eliminatórias sul-americanas para a Copa do Mundo adotaram um formato em que os 10 países disputantes jogam entre si duas vezes, ninguém somou tantos pontos quanto a Argentina que se classificou ao Mundial de 2002. Foram 18 jogos: 13 vitórias, quatro empates e uma derrota. Sob o comando de Marcelo Bielsa, viajou ao Japão como favorita e cabeça de chave de um grupo forte, com Inglaterra, Nigéria e Suécia. Era um time capaz de prescindir de um astro como Juan Román Riquelme; uma equipe que podia entregar o colete de reserva para figuras como Pablo Aimar, Kily González, Roberto Ayala, Matías Almeyda e Hernán Crespo. Entretanto, na hora H, nada funcionou.

Na estreia, contra a Nigéria, a Argentina contou moedinhas, mas conseguiu o tíquete para a vitória. Magrinha, 1 a 0. De cabeça, Gabriel Batistuta completou o escanteio cobrado por La Brujita, Juan Sebastián Verón. A situação ficou ainda mais favorável depois que Inglaterra e Suécia empataram. Porém, os ingleses entraram no segundo jogo com sede de vingança, depois da eliminação para os *hermanos* quatro anos antes, na França. De pênalti, David Beckham, expulso em Saint-Étienne, marcou o único gol da partida em Sapporo. Assim, contra a Suécia, era ganhar ou ganhar.

E não é que os homens de amarelo resistiram? Com Aimar no time titular, uma novidade, a Argentina pressionou. Várias vezes, Juan Pablo Sorín apareceu como elemento surpresa, parando no goleiro Magnus Hedman. No fim das contas, foi Anders Svensson quem abriu o placar. A falta foi de longe. Bem cobrada. Mas não evitou a sensação de que Pablo Cavallero poderia ter defendido. Parece apropriado dizer que o jogo se transformou em um tango, tamanho o drama da dança vista na cancha. Diante do desespero argentino, a Suécia cresceu. Quase viu a zaga argentina marcar contra. Depois, acertou a trave. E então Ariel Ortega perdeu um pênalti. Cujo rebote foi aproveitado por Crespo. E foi isso, só 1 a 1. Em terceiro lugar, a Argentina voltou para casa mais cedo. ■

certos términos não têm volta

leonardo jardim e monaco viveram um bonito mutualismo, que eventualmente chegou ao fim, apesar da tentativa de resgatar a falida relação

detalhes, por wladimir dias

Atire a primeira pedra quem não viveu ou conhece uma relação que um dia foi boa, ruiu, acabou e foi trazida de volta de um cemitério qualquer — apenas para retornar ao caixão, pouco mais tarde. Em termos de relacionamentos afetivos entre humanos, essa situação, o *revival,* é quase um lugar comum, um clichê. A questão é que ela parece ocorrer também em outras searas. Não chega a ser costumeiro, mas acontece. No futebol, o Monaco provou que, apesar da dor, reconhecer o fim talvez seja a melhor medida em certas circunstâncias. Leonardo Jardim foi uma espécie de redentor no Principado. Veio ao socorro do clube, quando todos o viam como um risco a ser evitado. Se a temporada 2013-14 tinha começado bem, com cofres cheios e contratações midiáticas, a campanha de 2014-15 foi um choque de realidade. Os dois maiores astros do Monaco partiram. Falcao García seguiu para o Manchester United e James Rodríguez para o Real Madrid. Coube ao treinador português reconstruir a casamata monegasca; iniciar um projeto ambicioso, mas difícil.

As grandes estrelas deram espaço às apostas jovens. E o time passou a viver de compras baratas e vendas milionárias. Começou a produzir talento tipo exportação. Desse modo, foram se sucedendo casos exitosos, como evidenciam as figuras de Bernardo Silva, Anthony Martial e, a mais famosa e impressionante do período, Kylian Mbappé. E não pense que o clube passou a viver para fazer dinheiro e ponto. Não. Em 2016-17 competiu de igual para igual com os milhões do Paris Saint-Germain e levou a Ligue 1 para casa. Além disso, chegou às semifinais da Liga dos Campeões. Porém, em 2018-19 o modelo falhou e o leite azedou. As vendas dos pilares do time cobraram um preço. As contratações demoraram a dar resposta e logo o time estava lutando contra o descenso. Foi o fim da linha para o demitido Jardim. Foi? O Monaco tentou resgatar seu vínculo com Thierry Henry, outrora um talentoso prospecto de suas categorias de base. Com o craque nos bancos, a coisa desandou de vez, e Henry durou apenas três meses. Na hora do aperto, a quem o clube recorreu? Jardim, que voltou a tempo de salvar o time do descenso. Assim, seguiu. Entretanto, ultrapassada a emergência, os prazeres do *flashback* acabaram. Em posição intermediária em 2019-20, o clube colocou um ponto final naquela relação bonita e vitoriosa, e que não deverá ser lembrada como outra coisa senão uma parte importante da história dos dois. ■

no cabide: áfrica do sul 1998

arte: miguel rodrigues | texto: felipe portes

Anos depois de superar a era do Apartheid, a África do Sul finalmente pôde estrear em Copas do Mundo. Em 1998, os Bafana Bafana caíram no grupo de França, Dinamarca e Arábia Saudita. Ali, o mundo já sabia quem seriam os classificados. Mas falemos da camisa: com este show de design conceitual, a África do Sul misturou nada menos que quatro cores. Essa camisa da Kappa é uma releitura da versão anterior, de 1997, com a mesma distribuição de cores, mas carregada de marcas d'água e um N cinza em diagonal, atravessando o peito. A de 1998 traz certa nostalgia aos colecionadores.

A curiosidade fica por conta de que quase nada no desenho original faz sentido. Apesar de parecer um trabalho incompleto (as listras só aparecem em um dos ombros), o uniforme é o resumo do que um dia foi a Copa do Mundo no sentido estético: o palco perfeito para desfilar inovações gráficas em um verdadeiro show de cores, sem o design entediante que hoje impera nos padrões Fifa. Ponto para a Kappa, responsável pela ousada camisa que protagoniza essa edição do No Cabide. ■

evaristo é bahia e bahia é evaristo

maior treinador da história do clube baiano, evaristo dá nome ao novo ct do tricolor de aço desde o início de 2020

por felipe portes

Foram nove as passagens de Evaristo de Macedo como técnico do Bahia. Desde o início de sua carreira nos bancos, em 1967, até o último encontro, em 2003, ele marcou presença no clube em quatro décadas diferentes e é o último treinador campeão nacional com o Tricolor de Aço, em 1988. Tanta história e glórias não poderiam passar sem uma grande homenagem em vida. Desde o início de 2020, o carioca de 86 anos passou a dar nome ao novo CT do clube, que deixou o Fazendão após 40 primaveras.

Nunca é tarde para se reconhecer um ídolo, para que ele receba todo o carinho que fez por merecer. Evaristo costuma ser mais lembrado pelo mundo do futebol por sua grande contribuição a Barcelona e Real Madrid, no auge de sua carreira como atleta. No Brasil, marcou época no Flamengo, nos anos 1950, com muitos gols. Na década de 1970, já como técnico, chegou a Salvador com a missão de resgatar os melhores anos do Tricolor, que fora um fenômeno nos anos 1950 e 60 — o primeiro brasileiro a participar da Copa Libertadores, inclusive. E, sem falsa modéstia, ele pode dizer que conseguiu.

O currículo de Evaristo apenas com as cores do Bahia impressiona: são seis títulos estaduais, uma Copa do Nordeste e o tão sonhado Brasileiro, conquistado em 1988 diante de um Internacional liderado por um jovem treinador Abel Braga. Ronaldo; Tarantini, João Marcelo, Claudir e Paulo Róbson; Paulo Rodrigues, Gil, Bobô e Zé Carlos; Charles e Marquinhos: quem viveu aqueles tempos de loucura, tem a formação marcada na mente, a última grande atuação do Bahia em um palco nacional. Não é à toa que, na capital baiana, Evaristo responde por Mestre.

"O meu maior título foi o Campeonato Brasileiro com o Bahia – até porque não era o favorito", chegou a afirmar categoricamente, em entrevista ao jornal *A Tarde*, em fevereiro de 2019. De fato: a conquista foi uma declaração de força do Bahia.

A segunda estrela veio em fevereiro de 1989, por conta do calendário atribulado do Brasileiro. Em dois jogos contra o Inter, a decisão ficou para o Beira-Rio, e embora o placar fosse de 0 a 0, a missão de Evaristo e seus pupilos estava completa. Já que, na ida, Bobô havia desequilibrado o confronto na Fonte Nova com dois gols

Bobô

na vitória por 2 a 1. Leomir fez o gol colorado. Em casa, o Tricolor era praticamente imbatível, e isso ficou claro ao longo da campanha.

O próprio treinador conta que o objetivo era a conquista desde o início, nem que para isso o elenco precisasse treinar durante o carnaval. Na visão do grupo, isso poderia desequilibrar a favor do Bahia em campo. Antes de definir o planejamento de 1988, a ideia traçada não foi nada modesta: "Primeiro que nós montamos a equipe pensando no Campeonato Brasileiro. E deu tudo certo.

Porque no futebol às vezes você faz as coisas direito, planeja tudo e não dá certo. No futebol, a bola é redonda. Já no Baiano eu dizia para o grupo: “Se a gente não jogar com objetivos claros, certos, não há motivação”. Jogar por jogar não nos interessa. Já no início do ano, eu sentia que tínhamos condições de chegar bem. Claro, pensamos em um ou dois reforços, mas a gente sabia que o grupo tinha uma força e um objetivo”, relatou Evaristo ao jornal *Correio*, de Salvador.

Enquanto se sonha com novos e bons tempos na Arena Fonte Nova, o futuro vai chegando ao clube soteropolitano. O Bahia de Todos os Bairros agora é o Bahia de Todos os Brasileiros, transcendendo fronteiras estaduais com discursos de inclusão, luta contra o preconceito e planos de sócio-torcedor acessíveis para quem quer apoiar presencialmente e à distância. Na vanguarda do futebol nacional em termos de planejamento, organização e também de ideologia (vale lembrar que, mesmo em 2020, poucos clubes ainda se arriscam a combater o racismo e a homofobia abertamente), o Bahia apresentou o novo CT, a Cidade Tricolor, que oficialmente levará o nome de Evaristo.

“Vamos abrir as portas do CT para que os sócios possam comparecer e ver o que vamos oferecer para nossa equipe. É uma mudança de patamar que vai nos colocar entre os cinco principais clubes do país em termos de estrutura para treinamento”, comentou Vitor Ferraz, vice-presidente tricolor, à rádio oficial do clube.

De longe, o homenageado recebeu com afeto a iniciativa: "Iniciar o novo ano com essa honrosa homenagem me traz uma alegria sem tamanho. Quando estive lá cuidei do Fazendão com muito carinho. Peço que façam o mesmo com o novo CT do nosso Bahia”, declarou Evaristo em sua conta no Twitter. Em 2013, o Mestre já havia sido agraciado pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia com a honraria de Cidadão Baiano.

Enquanto trabalha para reconquistar protagonismo no futebol brasileiro, o Bahia paga pedágio a um de seus maiores nomes. Fortalece laços com o passado e, a passos largos, constrói um futuro em que almeja ser tão imponente quanto o histórico esquadrão de 1988. Treinando sob as bênçãos de Evaristo, o Tricolor espera que assim seja. ■

Peñarol desniveló con 8, a puro corazón

En la lista de los imposibles había un lugar

oito contra onze

o dia em que o peñarol bateu o nacional com apenas oito jogadores em campo e marcou para sempre a história da rivalidade em montevidéu

por tiago melo*

Um dos componentes mais mágicos do futebol é sua imprevisibilidade. Nunca se sabe quando a história pode acontecer na frente de qualquer um. Uma decisão de quem vai subir para a primeira divisão do Brasileirão pode se converter subitamente em um jogo inesquecível, como foi o caso da Batalha dos Aflitos entre Grêmio e Náutico.

Quando se trata de um clássico, a tensão é evidente, daquelas que se pode cortar o ar com uma faca, a possibilidade de transformar mortais em heróis ou vilões eternos é ainda maior. Há inúmeros exemplos, como Aldo Pedro Poy, que entrou na história do futebol argentino ao marcar de peixinho o gol da vitória de seu Rosário Central contra o rival Newell's Old Boys nas semifinais do Nacional de 1971. A partida passou para a história como "La *Palomita* (peixinho) de Poy", e é celebrada até hoje pela fanática torcida *canalla* todos os anos.

Em um clássico gigantesco como Peñarol x Nacional não podia ser diferente. A rivalidade mortal entre os dois monstros do futebol sul-americano e mundial criou uma galeria imensurável de ídolos, vilões e histórias inesquecíveis. Como o "*Clásico de La Fuga*", em 1949, quando, temendo uma goleada histórica, o Nacional, que perdia por 2 a 0, se recusou a voltar para osegundo tempo (aquele Peñarol era a base da seleção uruguaia campeã mundial em 1950).

Nessa galeria, evidentemente, está o histórico "clássico dos oito contra 11", disputado em 23 de abril de 1987 em Montevidéu. A partida, a princípio, não parecia talhada para entrar para os anais do futebol uruguaio. Nada mais era do que parte de um triangular amistoso que incluía também o Real Betis, da Espanha.

Mas não se pode esperar paz ou tédio em um dérbi na capital uruguaia. O primeiro tempo terminou com o Peñarol vencendo pela vantagem mínima, gol de Ricardo Viera. Logo no início do segundo tempo, Jorge Cardaccio empatou para o Nacional. Tudo parecia normal, até que veio uma sequência de expulsões que mutilou a equipe aurinegra. Entre os 23 e 30 minutos foram expulsos: Ricardo Viera, José Perdomo e José Herrera. Parecia o fim do clássico para os *carboneros*. Com três a mais e 15 minutos pela frente, o tricolor tinha a vitória nas mãos.

Mas o Peñarol não havia se resignado ao final que parecia inevitável. Seus oito jogadores restantes lutaram como nunca, e aos 37 minutos aconteceu o inimaginável. Diego Aguirre fez boa jogada e passou para Jorge Cabrera marcar o gol da vitória *Manya*. Nos últimos minutos, o Nacional atacou como nunca, mas os jogadores carboneros conseguiram suportar tudo o que lhes foi imposto. Um dos leões naquela partida foi o zagueiro Obdulio Trasante, que posteriormente defenderia o Grêmio.

Quando a partida acabou, o Peñarol não havia vencido apenas um clássico amistoso. Aqueles jogadores haviam escrito uma das mais memoráveis páginas de um dos maiores clássicos do planeta. Mais que isso, a jovem equipe comandada por um iniciante Oscar Tabárez se enchia de brios. Meses depois venceria a Libertadores de forma igualmente heroica, com um gol de Aguirre aos 120 minutos do terceiro jogo da final contra o América de Cali.

Assim sendo, os oito heróis que inscreveram seu nome na história do Peñarol foram: Eduardo Pereira, Jorge Gonçalvez, Obdulio Trasante, Alfonso Dominguez, Eduardo da Silva, Gustavo Matosas, Jorge Cabrera e Diego Aguirre. ■

amazon

bit.ly/relvadokindle

as veias abertas de campos

primeiro caso de doping no futebol brasileiro, centroavante mineiro nunca mais foi o mesmo após a polêmica envolvendo o uso de substância proibida

por wladimir dias

Nenhuma posição do campo de futebol significou tanto para o Atlético Mineiro quanto a de centroavante, nos idos da década de 1970. Contando com ícones da importância histórica de Reinaldo e Dario, ainda hoje os dois maiores artilheiros do clube em todos os tempos, não seria possível pensar em algo diferente.

Também não é necessário reiterar os feitos de um e de outro; eles são notórios. No entanto, entre uma das várias partidas de um e a afirmação do outro, a camisa 9 não ficou vaga. A fonte de gols não secou. Coube a Cosme da Silva Campos manter a torneira aberta.

Embora só leve uma artilharia no currículo — a do Campeonato Mineiro de 1973, ocasião na qual anotou 15 tentos — Campos foi um atacante de números superlativos no Galo. 17º no ranking dos matadores atleticanos, fez vibrar o coração alvinegro 97 vezes, em 199 jogos, entre os anos de 1970 e 1976. Em que pese o fato de ter tido de esperar Dario liberar o caminho para a sua afirmação, eventualmente passando um período emprestado ao Nacional de Manaus (junto de Danival, Pedrilho e Lacy), o atacante correspondeu quando foi chamado de volta.

Apesar disso, em meio a um 1973 que parecia ser mágico, Campos conquistou notoriedade por algo que nenhum jogador da face da terra gostaria, muito menos naquela época. O mais insólito é que a má notícia surgiu a partir de um dia que deveria ser lembrado pela alegria. No dia 18 de novembro, foi disputada uma partida entre Galo e Vasco.

O encontro era válido pela segunda fase do Brasileirão, e os mineiros estavam disputando uma vaga no quadrangular final (que não chegaria, apesar de o time ter somado o mesmo número de pontos que o classificado Internacional, no Grupo 1). O placar do Mineirão exibiu o que todo atleticano desejava. Vitória por 2 a 1, com dois tentos de Campos. Era a resposta do artilheiro depois de perder três dentes no primeiro confronto ante o cruzmaltino.

Porém, 10 dias depois veio a notícia aterradora. O matador estava suspenso preventivamente por 60 dias. O exame antidoping daquele dia de júbilo revelou a presença da substância efedrina em sua urina.

Mesmo pendente de contraprova, em questão de minutos o ocorrido já era notícia no rádio (responsável por um sem número de fake news sobre o caso) e logo estamparia capas de jornais e revistas — com a da edição nº 195, de *Placar*. Era o primeiro caso de doping da história do futebol brasileiro. Conforme narrou a publicação mencionada, logo o caos se formou. Informada pela CBD, a Federação Mineira repassou o acontecimento ao Atlético às 15h30, daquele dia 28. E, como se os corredores da Sede de Lourdes falassem, a notícia foi se alastrando. Do setor de relações públicas, rapidamente chegou ao departamento médico. Sabe-se lá como, até a torcida ficou sabendo do ocorrido e se dirigiu ao local.

Duas horas e quinze minutos mais tarde, chegou o presidente alvinegro, Nelson Campos: "É o problema mais grave que surgiu em todos os meus mandatos no clube". E era. O pior é que embora a entidade máxima do futebol brasileiro tivesse a informação desde o dia 26, ela só veio a público dois dias mais tarde, às vésperas de um confronto com o Flamengo.

De pés juntos, Campos — dessa vez o atacante — jurou ter ingerido apenas e tão somente os medicamentos prescritos para o tratamento das lesões daquele primeiro confronto contra o Vasco. Até representantes do rival Cruzeiro se solidarizaram com o homem-gol, que começou a cumprir pena antes da sentença definitiva. Ante o extraordinário, o ato de suspensão foi trazido do Rio de Janeiro e entregue em mãos à cúpula atleticana.

Convocado um químico-farmacologista da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da UFMG para analisar o caso, logo ele foi esclarecido do ponto de vista técnico: Campos consumira alguns comprimidos de Dorflex, cuja composição contava com a mencionada substância. Até então, tudo nos conformes, já que a medicação não constava no registro das proibidas. O problema foi a ausência dessa informação na ficha entregue no ato de coleta da urina do atacante. Já não seria possível garantir a procedência da efedrina.

Aguardando um veredito, a torcida se dirigiu ao Mineirão no dia 29 à espera do início do jogo. Logo, veio a informação: Campos não jogaria contra o Fla. Se instalou um clima de ódio nas arquibancadas. Segundo a *Placar*, o rubro-negro passou imune, já a CBD… No fim,

não importou tanto, já que em suada virada, o Galo deixa o Gigante da Pampulha vencedor. Porém, no que se seguiu nos bastidores, o Atlético perdeu outra vez. O efeito suspensivo não foi garantido. Balizando-se em um juridiquês alheio à moral, a CBD arbitrou que havia questão de mérito em jogo e ela não poderia ser decidida tão cedo. No fim das contas, prevaleceu a situação original.

A efedrina estava lá e não havia sido apontada na ficha. O médico responsável, dr. Haroldo Lopes Costa, pecara por omissão. O que não muda os fatos de que a informação chegou, suspeitamente, em cima da hora e de que um exame mais minucioso encontraria

todos os componentes daqueles Dorflex ingeridos. À reportagem assinada por José Trajano, Raul Quadros e Arthur Ferreira, Campos desabafou: "Dizem que corri adoidado contra o Vasco e fiz dois gols. Palhaçada pura. Os gols surgiram de falhas da defesa [...] eu estava por lá pela área chateando a paciência deles [...] Vou ter de reagir à altura. Dessa vez foi demais".

Passados 60 dias, Campos voltou. Ainda sem julgamento e sem contraprova. Mas marcado e rodeado de dúvidas, acerca de sua honestidade e da qualidade de sua bola. Já naquela altura, o artilheiro estava desiludido, não podia crer no que vinha ocorrendo. Fora abandonado por homens que pouco tempo antes lhe exaltavam e procuravam sua companhia. Esteve sozinho, com a lanterna dos afogados à mão. A irrecorrível verdade nunca chegou. Já os rótulos, auxiliados por uma fama de mulherengo farrista…

Ele acabou suspenso por seis meses e perdeu a Copa do Mundo de 1974. A disputa do Mundial era uma possibilidade concreta, tanto que, um ano mais tarde, sem ser mais o mesmo, representou a Canarinho na Copa América, anotando dois gols em cinco jogos, em uma campanha de semifinalista.

"Não sabia o que era proibido tomar naquela época. Não fui orientado e acabei sendo punido injustamente. Essa condenação me chocou bastante. Eu era novo, tinha 21 anos, e foi difícil aguentar a pressão", contou outra vez à Placar, mas mais de 25 anos mais tarde, em 1999. Atleticano de carteirinha, seguiu no Galo até 1976, e então rodou. De Belo Horizonte, seguiu para Campinas, onde defendeu o Guarani. Na sequência, somaram-se passagens por Náutico, América Mineiro, Santos, Portuguesa… Trechos curtos, ruins e pouco lembrados pelas torcidas locais. O que ninguém nunca esqueceu foi o doping.

"Teve uma vez em que fui a uma festa e um torcedor chegou para me provocar: 'E aí, dopado?' Saí da festa quase chorando de tristeza. A marca ficou para sempre", lembrou ao *Estado de Minas,* em 2011. As veias abertas naquele mal explicado e polêmico caso seguem assim, abertas. O retorno posterior a uma vida pacata na sua Pedro Leopoldo é só um paliativo, na tentativa de estancar o sangue que escorre desde aquela série de confrontos com o Vasco. ■

O FUTEBÓLOGO

ofutebologo.com.br

campeões mundiais e atletas olímpicos

quem foram os craques brasileiros lembrados por títulos mundiais e participações em jogos olímpicos pelo brasil

por fernando cesarotti

"Vavá recolheu o couro no centro da intermediária dos holandeses, avançou, passou por dois adversários e defrontou-se com o zagueiro Albert. Tentou fintá-lo e perdeu. Mas Vavá, rápido, recobrou a bola, perseguindo por Albert, e acabou perdendo-a novamente em nova tentativa de finta. Mas o mesmo Vavá retomou o couro, e então partiu célere para a entrada da área, quando fulminou a meta contrária com violento tiro, conquistando o quinto *goal* do Brasil. Foi esse o mais sensacional *goal* do Brasil, o mais cavado, resultante de uma ação impressionante do meia Vavá." A generosa descrição de Geraldo Romualdo da Silva, enviado especial de *O Globo* aos Jogos Olímpicos de Helsinque-1952, é um retrato fiel do que foi a carreira de Vavá, que ganhou o apelido de "Peito de Aço" justamente por seu destemor dentro da área.

E Vavá é apenas um dos campeões do mundo com a Seleção Brasileira que teve a oportunidade de demonstrar seu talento em palcos olímpicos. A alguns meses da Olimpíada de Tóquio, a Relvado relembra aqui casos como o do Vavá, que ainda nem tinha completado 18 anos e jogava havia apenas alguns meses pelos aspirantes do Vasco quando foi escalado pelo técnico Newton Cardoso com a camisa 10 – como ponta de lança – nas três partidas disputadas pelo Brasil em Helsinque, a primeira presença do Brasil no torneio olímpico de futebol.

O único gol de Vavá na Finlândia fechou a goleada por 5 a 1 sobre a Holanda, pela fase preliminar – o torneio era disputado em mata-mata e proibia a presença de profissionais, visando à permanência do chamado "espírito olímpico".

(Aqui, o parêntese necessário: a regra nunca foi seguida à risca pelos países do bloco socialista, que colocavam seus atletas como membros das forças armadas ou funcionários da burocracia estatal, o que fez com que a região conquistasse TODAS as oito medalhas de ouro em disputa entre 1952 e 1980.)

Quem se destacou mesmo naquele setor ofensivo foi o cabofriense Larry, então jogador do Fluminense, que marcou quatro gols ao todo e depois viraria ídolo do Internacional. O Brasil, representado por uma seleção carioca de amadores, ainda venceu Luxemburgo por 2 a 1, mas foi eliminado nas quartas de final pela Alemanha

com uma derrota por 4 a 2, na prorrogação. Um dos gols brasileiros foi do zagueiro Zózimo, o outro futuro bicampeão mundial daquele time.

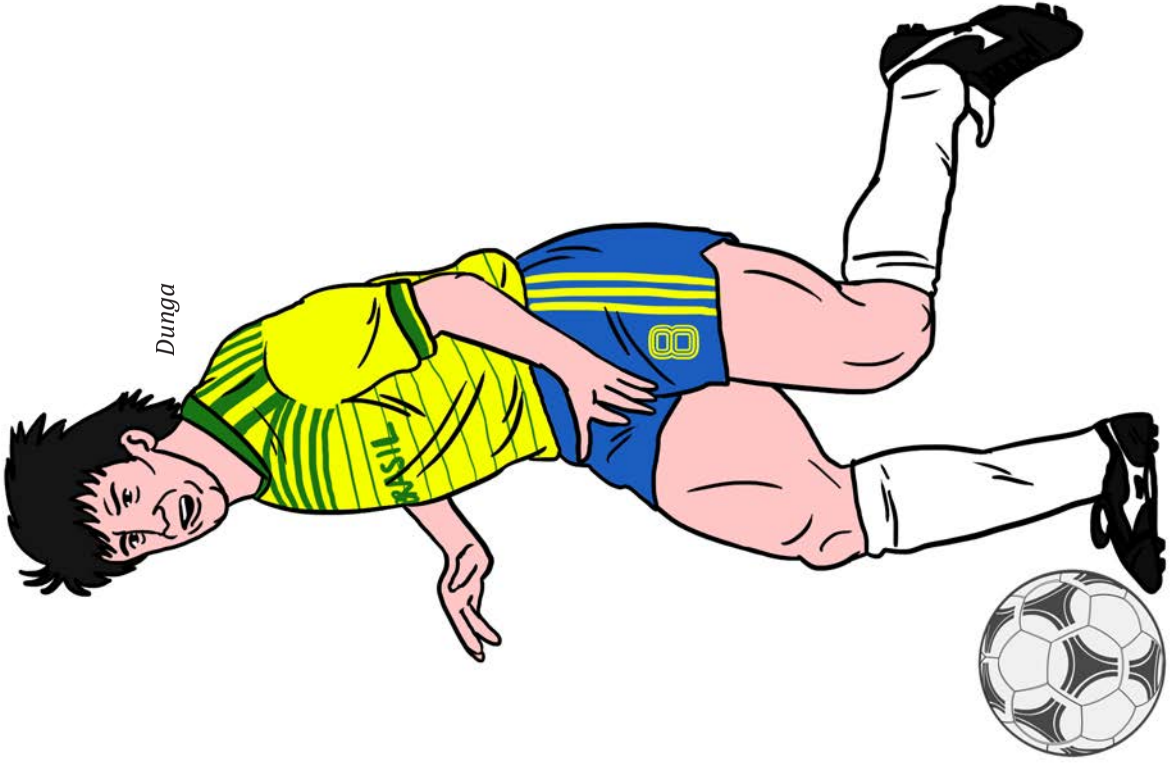
Nascido na zona oeste do Rio, ele jogava no Bangu desde criança e tinha acabado de completar 20 anos, mas atrasou sua profissionalização a pedido da CBD para poder disputar os Jogos Olímpicos. Reserva na Copa de 1958 e titular ao lado em 1962, Zózimo até hoje é um dos grandes ídolos da história do time de Moça Bonita.

Oito anos depois, em Roma, a camisa 10 seria envergada por outro futuro campeão mundial: Gerson de Oliveira Nunes, o futuro Canhotinha de Ouro. Na defesa, com a camisa 5, Roberto Dias, que depois se tornaria um dos maiores ídolos do São Paulo.

Os dois eram os mais famosos do time que, mais uma vez, naufragou na fase inicial: depois de vitórias sobre Grã-Bretanha e Taiwan, o Brasil levou 3 a 1 da anfitriã Itália e acabou eliminado - só o campeão de cada grupo avançava às semifinais. Os donos da casa, que contavam com os futuros finalistas de 70 Tarcisio Burgnich e Gianni Rivera, terminaram em quarto, sem medalha.

Da geração que passou batida pelo jejum de 24 anos do Brasil em Copas, vale destacar a presença de Falcão na pífia campanha em Munique-1972 - empate com a Hungria e derrotas para Dinamarca e Irã. Muita gente esperava a presença de Zico, que já vinha encantando a torcida do Flamengo nas preliminares no Maracanã e havia sido fundamental no Pré-Olímpico, disputado em Cali, na Colômbia, mas o Galinho ficou inexplicavelmente de fora da lista do técnico Antoninho - para seu irmão, Nando Antunes, foi um recado claro da ditadura militar contra sua militância de esquerda.

Nos Jogos seguintes, Montreal-1976, o Brasil pela primeira vez ficou perto de medalha, com a presença de nomes que ficariam famosos com a amarelinha na década seguinte: o goleiro Carlos, o lateral Júnior, o zagueiro Edinho e o volante Batista. O time chegou às semifinais, mas perdeu para a Polônia, que tinha Grzegorz Lato e Kasimierz Deyna, ambos titulares no Mundial da Alemanha, dois anos antes. E depois, perdeu também o bronze para a União Soviética


Dunga
BRASIL
00

de Blokhin. Depois da ausência em Moscou, o Brasil ganhou enfim em Los Angeles-1984 sua primeira medalha no futebol, a prata, após derrota para a França na final. Dunga estava em campo naquela noite no Rose Bowl, assim como o goleiro Gilmar Rinaldi, dez anos antes de levantar a taça do tetra no mesmo estádio.

O regulamento olímpico havia mudado, permitindo a presença de profissionais, desde que eles não tivessem disputado jogos de Copa do Mundo ou de Eliminatórias, e o Brasil treinado por Jair Picerni teve basicamente o elenco do Internacional.

A regra foi mantida em Seul-1988, quando o Brasil repetiu a prata, derrotado pela União Soviética, mas ali Carlos Alberto Silva levou o que havia de melhor disponível - entre eles Taffarel, que pegou três pênaltis na semifinal, contra a Alemanha Ocidental, e a dupla de ataque do tetra, Bebeto e Romário.

As regras olímpicas foram novamente mudadas para Barcelona-1992: quais jogadores poderiam atuar, desde que tivessem no máximo 23 anos. No primeiro Pré-Olímpico com esse regulamento, o Brasil com Cafu, Márcio Santos e Roberto Carlos deu vexame e nem sequer passou da primeira fase. Voltou quatro anos depois aos Jogos, e em Atlanta-1996 já houve um ajuste nas regras: poderia haver três "veteranos" acima da idade limite. Rivaldo, Aldair e Bebeto foram os escolhidos, enquanto Dida, Roberto Carlos, Juninho Paulista e Ronaldo, ainda no limite de idade, também fizeram parte do elenco que acabou batido pelo "perigoso" Kanu e ficou com o bronze, após vencer Portugal.

O Brasil ainda levaria outras medalhas olímpicas: bronze em Pequim-2008, prata em Londres-2012 e enfim o sonhado ouro no Rio-2016. O torneio olímpico de futebol é sempre colocado em xeque, como um incômodo mútuo: a Fifa impõe regras restritivas para evitar concorrência com a Copa do Mundo, enquanto o COI também não gostaria de ver o futebol roubando a cena – mas também não pode simplesmente abrir mão do mais popular esporte do planeta. Enquanto o xadrez prossegue e o calendário também joga contra a presença de estrelas, fica a recordação dos momentos em que nossos craques viam a Olimpíada como uma oportunidade de brilhar e se tornar mais conhecidos da torcida. ■

Central3
central3.com.br

Lisa Klinga

galácticas até que não mais

em 2014, as jogadoras do tyresö tentaram devolver o título europeu à suécia. não conseguiram e não tiveram uma segunda chance

por wladimir dias

Transcorridos 28 minutos, Marta recebe a bola de Verónica Boquete. Ela está na entrada da área do Wolfsburg. Tem três marcadoras e uma goleira para superar: o faz com maestria, fuzilando a meta rival com a perna direita (a menos boa) e tirando o zero do placar. As 11 mil pessoas que estão em Lisboa, no estádio do Restelo, ainda aplaudem quando Christen Press vai à linha de fundo e cruza para Vero marcar o segundo do Tyresö, aos 30'. Na volta dos vestiários, as alemãs acordam. Alexandra Popp e Martina Müller empatam a batalha. Então, Marta presta socorro às colegas. Outra vez, recebe de Verónica. De novo, ilude suas marcadoras e finaliza com a direita: 3 a 2. Porém, Verena Faißt e Müller enterram o sonho sueco, que não terá uma segunda chance de se realizar.

O Tyresö que viajou à capital portuguesa para a disputa da final da Liga dos Campeões Feminina havia deixado as francesas do Paris Saint-Germain, as dinamarquesas do Fortuna Hjørring, as austríacas do Neulengbach e as inglesas do Birmingham pelo caminho. E foi antes do confronto contra o time britânico que uma alcunha foi forjada: "O Tyresö são os galácticos, eles são o Real Madrid do futebol feminino", disse o treinador das Birmingham Ladies, David Parker. Não era para menos, já que o clube tentava se elevar ao olimpo do futebol feminino a partir da qualidade de craques como as citadas Marta, Boquete e Press, além da capitã sueca Caroline Seger e de outras selecionáveis, como as norte-americanas Meghan Klingenberg e Whitney Engen, ou as brasileiras Thaísa, Rilany e Mayara. No banco, o comando estava nas mãos de Tony Gustavsson, ex-auxiliar de Pia Sundhage na seleção dos Estados Unidos.

Ainda que incomparáveis àqueles comuns à elite masculina, os salários também não pareciam ir mal. Segundo os escoceses do The Herald, Marta, a grande estrela da companhia, percebia cerca de £180 mil, pagas por patrocinadores, conforme narra Gwendolyn Oxenham, em Under the Lights and in the Dark. Aquele time consagrava uma ideia que começara a tomar forma em 2006. Embora tenha sido fundado em 1971, o clube teve esparsa representatividade no curso dos anos. Nesse sentido, seu melhor período até então havia sido o interregno entre 1993 e 1996, e no ano de 1999, quando esteve na elite sueca. No anos 1990, o time chegou a contar com as talentosas Michelle Akers e Kristine Lilly. A ambição que começou a ganhar forma em 2006 era equivalente

ao risco a enfrentar. O empresário Hans Löfgren escolheu apostar e assumiu a equipe. Então, o Tyresö se encontrava na quarta divisão nacional, ou seja, no mais absoluto ostracismo. Quatro anos mais tarde, já disputava a elite, tendo conquistado o certame em 2012 e alcançado o vice-campeonato da Copa da Suécia por duas vezes, em 2011 e 2012. Tal não foi possível por milagre. Löfgren foi atrás de investidores locais e, aos poucos, foi angariando fundos para aquela difícil missão. Foi se formando, também, um senso de comunidade no entorno do clube, que, em pouco tempo, via mais de mil pessoas orbitando ao seu redor. Assim, em 2011, foi, inclusive, aberta uma empresa para cuidar dos interesses do time, a Tyresö Event AB.

Em 2011, o empresário teve de deixar o clube após ser acusado de contratar os serviços de uma prostituta — o que pode acarretar o pagamento de multa ou até mesmo uma prisão na Suécia; prostituir-se não é crime, pagar por sexo é. Tal fato não fez muita diferença, porque o presidente do clube, Hans Lindberg, não mudou a rota em que o clube caminhava, mas seguiu os passos do contraventor visionário. Nada que tenha evitado a ruína. Antes mesmo de a bola rolar em Lisboa para aquela grande final, já se sabia que o amanhã traria a tormenta. Antes da partida, em 22 de maio de 2014, o Tyresö já havia instaurado um procedimento de insolvência que o levaria a ser declarado falido. Desde março, os salários não eram pagos. Em abril fora tornado público o fato de que o time não conseguira licença para disputar o campeonato sueco de 2015. Aliás, a equipe só conseguiu viajar para a final porque a Federação Sueca adiantou os valores referentes à premiação (250 mil euros para o campeão e 200 mil para o vice). Logo, uma legião de estrelas ficou sem emprego e um finalista da maior competição de clubes da modalidade deixou de existir. Mas não foi sem mais nem menos.

Como se percebe, nem mesmo o título teria mudado os rumos da equipe. Já em março, com dívidas superiores a nove milhões de coroas suecas (algo como 880 mil euros), o time flertou com seu fim. Contudo, acabou conseguindo postergá-lo até o meio do ano, quando a Liga dos Campeões já teria se encerrado, assim como os contratos de algumas craques. Porém, o adiamento chegou a um ponto em que não dava mais para atrasar o inevitável. Sem dinheiro ou jogadoras, obviamente, o time não tentou seguir na disputa da Liga Sueca e de uma nova Liga dos Campeões, para a qual estava

Vero Boquete
Prioritet
Finans
9

classificado. Até chegou a ser efetivado um pedido de adiamento do procedimento falimentar: "Se o Tribunal Distrital não julgar procedente o pedido de extensão da reestruturação societária, não haverá alternativa senão a falência", foi explicado na petição. O clube esperava angariar fundos nos três meses seguintes para conseguir quitar seus débitos. Porém, o Tribunal Distrital de Nacka acabou negando o requerimento. Ainda que tenha sido alegada a existência de um princípio de acordo com um país africano não revelado, a falta de evidência do referido impediu que o pedido fosse adiante. Desse modo, o clube foi ao chão. Foi varrido da cena esportiva outra vez. O que não foi propriamente uma novidade em sua história e, muito menos, no contexto do futebol feminino.

Quando enfim teve de explicar o estado de destruição do clube, o dirigente o fez de forma sucinta: "A razão principal [para a falência] é que não recebemos tanta renda dos patrocinadores quanto orçamos", falou à *Sveriges Radio*. Em que pese o fato de o mandatário alegar ter descoberto o tamanho do buraco em que se encontrava apenas no início daquele fatídico ano, a reportagem em questão elencou motivos que contradizem tal versão. A crise já se verificava desde 2011 e somente cresceu nos anos seguintes, até o ponto em que se tornou insustentável. Apesar dos pesares, houve quem tenha conseguido tirar ensinamentos positivos daquilo tudo. Após a tormenta, Christen Press abriu seu coração em uma longa reflexão em seu blog, tratando de toda a sua jornada na Suécia — o que inclui passagem pelo Kopparbergs/Göteborg FC.

"Depois de nossa derrota embaraçosa [para o Wolfsburg], o que teria sido nosso maior jogo na temporada da Liga Sueca parecia muito pouco. Não havia motivação para jogar. Pontos não importavam, já que suspeitávamos que não terminaríamos a liga. Não estávamos sendo pagas. O que aconteceu me lembrou de tudo o que amo sobre esportes. Nosso time — corpos e espíritos quebrados — jogou exatamente como todos se lembravam de nós. Eu assisti Lisa Dahlkvist fazer desarmes e cortar bolas como poucas jogadoras conseguem. Testemunhei, com admiração, Vero, que não treinava há um mês, por conta de uma lesão, jogar a segunda de duas batalhas, pegando bolas e quebrando a defesa do Malmö a toda velocidade. E eu? Eu me senti revigorada com a liberdade de apenas jogar pelo amor ao jogo. Nunca me senti tão confiante

Marta

no campo. Agora, semanas depois, quase não me lembro do jogo contra o Wolfsburg. Quando as pessoas me perguntam o que houve, tenho dificuldade para encontrar as palavras. Mas essas imagens finais das minhas companheiras se superando, contra todas as probabilidades, seguem comigo e continuam me inspirando [...] Enquanto colocava minha vida de volta nas malas, entendi que, apesar de estar perdendo tudo — não apenas o título, mas também meu time, meu ambiente de treinamento, minha vida, minhas amigas — eu tinha ganhado algo mais", escreveu Press.

A vida do último grande time do Tyresö foi efêmera. Na mesma velocidade com que ascendeu das profundezas da quarta divisão, retornou ao fundo do poço. Apesar disso, costuma-se dizer que as comunidades nada refletem senão as pessoas que as compõem. Que Press tenha deixado as cercanias de Estocolmo, onde se localiza o clube, com algo positivo a dizer, revela que algo de bom aconteceu naquela terra. O intento de Löfgren, as dificuldades de Lindberg, o comprometimento de Gustavsson e a magia das jogadoras construíram algo. Entretanto, acima de todas as coisas, evidenciaram-se uma vez mais as dificuldades imensas que cercam os times de futebol feminino. Uma dívida de menos de um milhão de euros pôs fim a tudo aquilo; impediu que o Tyresö tivesse outra chance. ■

volta olímpica ressignificada

a seleção de camarões perdeu a vaga nas semifinais da copa de 1990 para a inglaterra, mas teve motivos para celebrar mais do que os vencedores

por felipe portes

Em 1990, o mundo ainda não estava acostumado com as dancinhas ao redor da bandeira de escanteio, a velhice saudável de Roger Milla e nem com os contragolpes violentos, quando Camarões roubou os holofotes da Copa do Mundo. Em um Mundial lembrado pelos poucos gols e por jogos modorrentos, o duelo contra a Inglaterra, nas quartas de final, valeu ouro para quem viu.

Até ali, os africanos já haviam feito história por ser a primeira seleção do continente a avançar tanto na competição. O time veloz e destemido fez Argentina e Romênia como vítimas na primeira fase, mas levou uma goleada da União Soviética na rodada final, 4 a 0 — o que não impediu que ficassem com o primeiro lugar de uma chave complicadíssima.

No mata-mata, abriram a participação contra a atrevida Colômbia, que acabou perdendo a vaga na prorrogação com dois gols de Milla. Era de se esperar que fossem derrotados pela Inglaterra na fase seguinte, mais pela tradição do que pelo rendimento. Afinal, os ingleses não estavam impressionando a ninguém e isso aumentou a expectativa por uma nova zebra.

Era difícil não gostar dos camaroneses. Exceção feita aos ingleses, adversários diretos daquela sensação. Além de Milla, um veteraníssimo quebrador de recordes, aos 38 anos, se destacavam o goleirão Thomas N'Kono, os meias André Kana-Biyik e Louis-Paul M'Fédé e o atacante Cyrille Makanaki. Milla, o astro maior, saía sempre do banco na segunda etapa.

Juntos, formavam uma equipe ofensiva e incansável, pressionando ao máximo as defesas adversárias. Um futebol ofensivo, de passes diretos e que se destacou em uma Copa na qual a defesa prevaleceu como tática mais popular entre os participantes.

O estádio San Paolo, em Nápoles, recebeu a festa. Na noite de 1º de julho, mais de 55 mil pessoas lotaram as arquibancadas para prestigiar o duelo dos Leões Indomáveis contra os Três Leões. David Platt, de cabeça, abriu o placar, mas eram os camaroneses que davam as cartas: criavam chances e forçavam o arqueiro Peter Shilton a trabalhar. Pelo chão, pelo alto, de fora da área... a defesa dos ingleses, atormentada, parecia irreversivelmente fadada ao

fracasso. Eles quase não conseguiam acompanhar a velocidade do ataque rival. Mas o zero só foi pulverizado por Camarões na segunda etapa. De pênalti, Emmanuel Kundé empatou. Com a confiança lá em cima, os africanos perderam definitivamente o medo de atacar. Quatro minutos depois, coube ao reserva Eugène Ekéké virar o jogo, em uma trama rápida com Milla.

Livre, ele só teve o trabalho de tocar por cobertura e vencer Shilton. O caos estava armado e Milla claramente havia inspirado os colegas a uma nova vitória. Mas, daí em diante, o que se viu foi um festival de gols perdidos. A Inglaterra, ainda sem ver a cor da bola, se safou mais pela falta de pontaria adversária do que por méritos próprios. Ao passo em que os ingleses poderiam ter sido goleados, com um pouco mais de capricho.

Muricy Ramalho diria que a bola pune, com total razão. Aos 83', um pênalti infantil da defesa de Camarões permitiu que Gary Lineker saísse de seu sono profundo na Copa. E veio a prorrogação. Fisicamente, a Inglaterra estava no limite. Camarões, nem tanto. Essa superioridade desequilibrou ainda mais a balança no tempo extra, aumentando o desespero inglês. Embora o gol não saísse, o volume de jogo demonstrado pelos africanos era assustador. Mas lá atrás, a história era outra. Lineker disparou com a bola para o campo de ataque, com N'Kono e mais um defensor à frente. Era inevitável. Em vez de dar a chance para que o inglês fizesse o gol com bola rolando, o zagueiro optou pelo pênalti. Lineker bateu e não desperdiçou. A Inglaterra cozinhou o jogo e ficou com a vaga nas semifinais. Aos prantos, o treinador Bobby Robson abraçava seus jogadores pela missão cumprida. Com requintes de crueldade e no limite do azar, mas cumprida. Aliviados, os ingleses seguiram seu caminho. Mas quem deu a volta olímpica no San Paolo foram os camaroneses, que, exultantes, celebravam a força de seu futebol e o reconhecimento das arquibancadas.

"Na Itália, não tínhamos noção do impacto que estávamos causando nos fãs de futebol — não poderíamos saber. Mas no retorno a Camarões a resposta que tivemos foi louca. Foi um delírio", contou Milla à *BBC*, anos mais tarde. Não há dúvida de quem o público apoiou naquela noite, seja em Nápoles ou nas TVs mundo afora. ■

partir sem olhar para trás

quando garoto, sergej barbarez ouviu o comando do pai e foi passar um tempo na casa de um tio, na alemanha. assim, começaram dias de uma vida inteira

por wladimir dias

Reconstruída, a cidade de Mostar, a sexta maior da Bósnia, tenta trazer de volta a imagem de antes da guerra. Uma das principais praças de batalha do conflito armado que assolou o país nos anos 1990, notadamente durante o Cerco de Mostar, ocorrido primeiro entre abril e junho de 1992 e, depois, de junho de 1993 a abril de 1994, a localidade foi completamente destruída. Trata-se de um marco arquitetônico nacional, lembrado por construções que remetem aos períodos de domínio otomano e austro-húngaro, que, esforços à parte, nunca retomará seu status quo.

"Voltei para casa pela primeira vez sete anos depois da guerra [...] Nada era como antes. Tudo estava destruído, muito frio, surreal. Parecia uma cidade fantasma", relatou um dos filhos mais famosos da cidade, Sergej Barbarez, à revista *11Freunde*. "Eu nunca quis voltar. Gostaria de lembrar da cidade como a conheci enquanto menino. Mas quando uma mãe faz um pedido ao filho, ele não pode dizer não", continuou.

A mãe acabou se fazendo a principal saudade de Barbarez. No início, uma lembrança viva e distante, ao mesmo tempo. Isso porque, aos 20 anos, um prodigioso atacante que mal começara sua carreira no time local, o Velež Mostar, teve de deixar seu lar. Porém, não tinha ideia do caráter definitivo que aquela mudança provocaria em sua trajetória. A princípio, a viagem a Hannover, onde morava um tio, não passava disso, uma viagem — com início, meio e fim. Não obstante, pai e tio haviam selado seu destino. Não havia passagem de volta.

O patriarca já sabia que Mostar estava se dividindo em duas forças. De um lado, preparavam-se o Conselho de Defesa da Croácia e o Exército da República da Bósnia e Herzegovina. Do outro, o Exército Popular Iugoslavo, formado, majoritariamente, por sérvios. Isso significaria que, eventualmente, o filho, um jovem, seria chamado à luta, o que não podia acontecer. Logo, o pai também seguiu para a Bósnia. Já a mãe, com a força das grandes matriarcas, negou-se a abandonar o lar. Manteve-se a postos, pronta a defender a propriedade que a família construíra.

Há um detalhe que tornava ainda mais dramática a situação da família do garoto. Em meio a uma guerra que, dentre outras

justificativas, pautava-se em questões étnico-religiosas, Barbarez era filho de mãe croata e muçulmana e pai sérvio ortodoxo. Apesar disso, como o próprio assume, tais questões nunca tomaram parte de sua vida. O que não quer dizer que, extramuros, tal situação não pudesse ensejar ódios, rejeições e inimizades.

Talentoso, Barbarez superou as dificuldades a partir da bola. "Duas semanas rapidamente viraram meses — e, ao final, anos". Aos 48, já aposentado, Sergej vive em Hamburgo, a cidade que adotou, com reciprocidade. Mas, vamos por partes.

Lotado em Hannover com o tio, o bósnio encontrou um caminho óbvio a seguir. Mesmo que significasse atuar na segunda divisão, aquele era um ponto de reinício. A adaptação ao novo país passava por encontrar um ofício e não havia nada que Barbarez soubesse fazer tão bem quanto jogar futebol. Num determinado dia, o jovem saiu para caminhar com o tio, que o alertou: "Use um calçado esportivo". No frio cortante do janeiro alemão, andaram até um gramado. Lá, o tio se encontrou com um senhor de aspecto amigável. Era Frank Pagelsdorf, o comandante do Hannover II. O treinador lhe ofereceu um período de testes, gostou do que viu e o adotou como pupilo. "Foi difícil para mim quando vim para a Alemanha, tudo era novo, eu estava sozinho, não conseguia falar o idioma", contou ao *Frankfurter Allgemeine*. Mais tarde, o atacante confessaria ter aprendido a falar alemão assistindo TV, garantindo nunca ter tido um professor.

Eventualmente, Sergej ascendeu à equipe principal e defendeu Die Roten na temporada 1992-93; foi um ano apenas mediano para a equipe e para o bósnio, que atuou em 18 partidas. Logo, foi chamado outra vez por seu mentor: Pagelsdorf assumira o comando do Union Berlin. Aquele seria um passo rumo à terceira divisão, mas a titularidade estava assegurada. E, com o perdão do trocadilho, Barbarez foi bárbaro. Fez 46 gols em 88 jogos, durante três temporadas. Ficou claro que a facilidade para marcar de cabeça (com seu 1,88m) e com a perna canhota não era algo ordinário.

O salto de nível veio outra vez pelas mãos de Pagelsdorf. O comandante havia sido contratado pelo Hansa Rostock, depois de dividir apenas um ano com Sergej no Union. À época, o Hansa

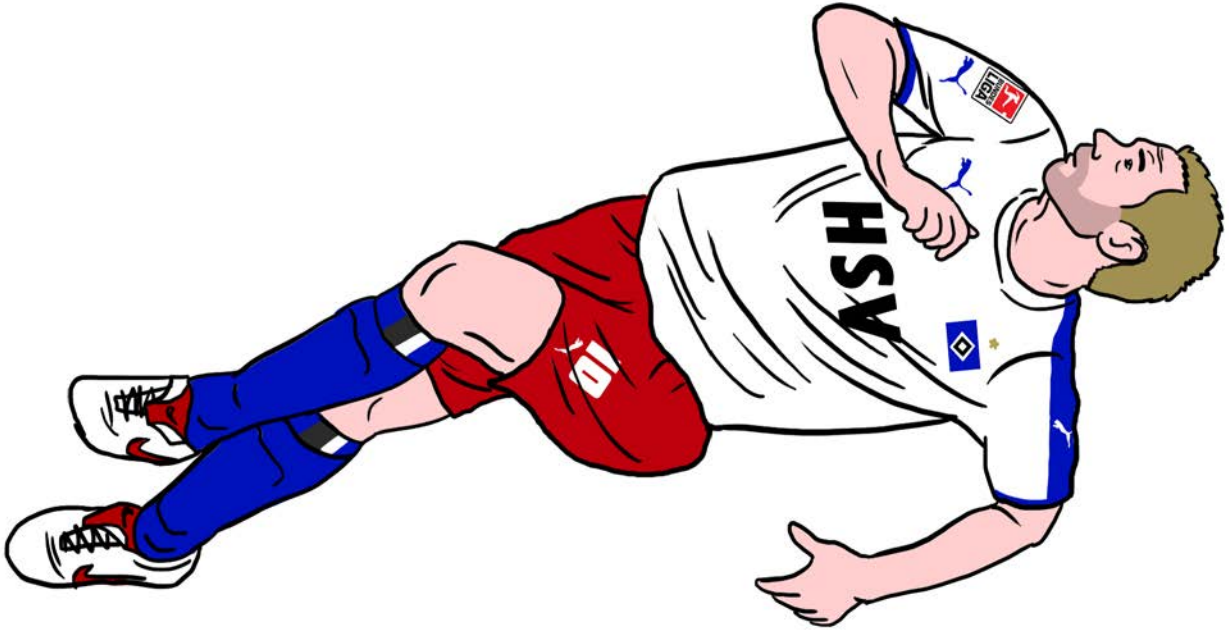
disputava a Bundesliga. Apesar de viver uma primeira campanha (1996-97) duríssima, marcando somente três vezes e vendo o clube ficar uma posição acima da zona de descenso, logo se acertou no ano seguinte. Barbarez foi o artífice de um time que fez bonito em 1997-98. Foram 11 os gols na campanha que levou o time à sexta posição, consagrada com uma vaga à finada Copa Intertoto.

De lá, seguiu para o Borussia Dortmund. E, depois de dois anos irregulares, mas de muito aprendizado — o que já reiterou em várias entrevistas —, rumou ao Hamburgo, para viver a temporada de sua vida e conhecer seu grande amor no futebol. Lá se reencontrou com quem? Isso mesmo, Pagelsdorf. O atacante bósnio representou Der Dino por seis temporadas. Esses foram anos que lhe renderam idolatria, e seria difícil vislumbrar algo diferente disso, depois de uma primeira temporada tão incrível. Na Bundesliga 2000-01, marcou 22 gols e se confirmou o artilheiro do certame. Como o time ficou muito abaixo do esperado, na 13ª posição, coube exclusivamente a Barbarez oferecer um sorriso à torcida.

Em termos de resultados coletivos, os anos que se seguiram não foram muito melhores. Nesse sentido, ganham destaque o quarto lugar no campeonato alemão de 2002-03 (com vaga à Copa da Uefa), os títulos das extintas Copa da Liga Alemã (2003) e Copa Intertoto (2005), além de um terceiro lugar na Bundesliga no ano de despedida (2005-06), que devolveu o clube à Liga dos Campeões.

Ocasionalmente, Sergej foi também o capitão do Hamburgo, antes de dedicar seus dois últimos anos de carreira ao Bayer Leverkusen, com uma boa passagem. Quando parou, computando 330 jogos de Bundesliga, era o estrangeiro com mais partidas disputadas. No entanto, já foi superado por Claudio Pizarro, Naldo, Halil Altintop, Levan Kobiashvili, Zé Roberto e Rafinha.

Ao fim e ao cabo, sua casa se tornou de fato Hamburgo, o clube e a cidade. O bósnio quase foi parar no Bayern de Munique duas vezes, antes de fechar com o Dortmund e após o ano artilheiro. Mas o desacerto parece uma daquelas questões que simplesmente não eram para ser e que o atacante encara sem arrependimentos. Arsenal e Deportivo La Coruña teriam sido outros clubes a procurá-lo em seus melhores anos.


HSV
10

E a seleção bósnia? Após o fim da guerra, em 1995, a federação local foi registrada como membro da FIFA em 1996. Mas o curioso é que Sergej só começou sua trajetória como internacional bósnio em 1998. Por quê?

"Eu havia recebido alguns convites para os jogos em 1996, mas recusei todos, porque minha mãe foi ameaçada de morte naquele tempo. Ela nasceu na Croácia e naquele momento vivia na parte croata de uma Mostar dividida. Sempre disse: só vou jogar pela minha nação, quando minha mãe estiver a salvo. Um dia, a política interveio e garantiu a proteção da minha família", contou Barbarez ao *Der Tagesspiegel*. Como dito, eventualmente, ele estreou pela Bósnia, tendo recusado, terminantemente, a ventilada hipótese de defender a Alemanha. Ao todo, fez 47 jogos e anotou 17 tentos, aposentando-se de seu selecionado em 2006, aos 35 anos. "Sucessos com a seleção nacional fazem as pessoas rir nessa situação de dificuldades econômicas. É por isso que jogo futebol. Você faz dinheiro, tem fama. Mas fazer as pessoas felizes com um simples gol? Isso é a coisa mais pura e importante no futebol", argumentou em entrevista ao Spiegel.

Não obstante, o atacante chegou a se aposentar anteriormente, em 2005, em decorrência de problemas políticos. Segundo Barbarez, o modo de pensar que fez eclodir guerras por toda a região balcânica seguia vivo na mente das pessoas responsáveis pelo selecionado. Isso o cansou. Contudo, ele voltou meses depois. Quando, enfim, decidiu-se pelo ponto final, o motivo foram as dificuldades físicas decorrentes das obrigações com clube e seleção, ante o avançar de sua idade.

Homem de opiniões fortes, Barbarez chegou a passar um tempo sem dar entrevistas ao *Bild*, que, segundo ele, inventava rumores sobre sua vida privada e também já relatou que hoje o futebol é apenas uma máquina de fazer dinheiro e que o lado humano importa pouco.

É um sobrevivente. Um homem que viu seu pai definir seu futuro e aceitou. Um cara cuja referência materna protegeu o lar com a própria vida. Um cidadão que adotou a Alemanha, mas fez sempre o possível para dar alegrias à Bósnia. ■

a chaga catalã de bobby robson

treinador assumiu o barcelona em um momento de transição, mas a pressão, unida a problemas de saúde, arruinou a sua passagem pela catalunha

por felipe portes

Figuras grandiosas não são sempre insubstituíveis. No futebol, em que nada é eterno quando falamos de trajetórias profissionais, o peso de substituir nomes importantes é um fardo pesado demais para ser carregado. Seja na função de jogador ou de treinador. O sucesso estrondoso é, ao mesmo tempo, o ápice e a maldição, já que determinadas agremiações são reféns de suas vitórias.

O Barcelona é, sem sombra de dúvidas, uma das maiores máquinas de moer substitutos. Estabelecida a dinastia de Johan Cruyff, entre 1988 e 96, com um domínio incrível do futebol espanhol e a conquista inédita da Copa dos Campeões, quando o fim se anunciou, o próprio holandês já estava bastante desgastado com a diretoria e com a torcida, ante a queda de desempenho e resultados. Nem mesmo o mentor do Dream Team e da grande revolução filosófica do futebol catalão escapou da guilhotina.

Substituí-lo, porém, foi uma tarefa à altura de grandes treinadores contemporâneos. Cruyff saía de cena definitivamente para ocupar um papel de bastidor. O inglês Bobby Robson tinha currículo recheado o suficiente para ser uma resposta da diretoria blaugrana. Em sua carreira, Bobby havia levado o modesto Ipswich Town à glória e devolvido a Inglaterra a um papel de destaque internacional nas Copas de 1986 e 90, neste caso caindo na semifinal para a Alemanha, nos pênaltis. Depois, passou por PSV, Sporting e Porto até chegar ao Barcelona, acompanhado de seu tradutor, José Mourinho.

Era, portanto, o grande treinador inglês em atividade. O Barça, que já tinha certa relação com os ingleses, remontando a 1917, com John Barrow, atravessando as décadas e passando por Vic Buckingham nos anos 1970 e Terry Venables nos 80, chegou a Robson em 1996. Experiente o bastante, Bobby contou de cara com um reforço estupendo: Ronaldo, revelado no Cruzeiro e submetido a um fortalecimento muscular no PSV, estava no auge de sua força física e agilidade. Embora a imprensa catalã e a própria torcida não guardem em uma caixa de boas lembranças a temporada em que Robson comandou o Barça, os resultados soam gritantemente a favor dele. Foram dois títulos, da Copa do Rei e da Recopa da Uefa, além de um vice-campeonato na Liga, dois pontos atrás do Real Madrid. Duras quedas contra Athletic Bilbao, Real Madrid,

Sir Bobby e Ronaldo, com a taça da Recopa Uefa

Espanyol, Real Sociedad, Tenerife (4 a 0), Valladolid e Hércules (nos dois turnos) alijaram o Barça de uma campanha ainda mais sólida. Foram 90 pontos em 42 jogos. Porém, os tropeços inesperados pesaram mais do que as conquistas em outras competições. Analisando o contexto político do Barça na época, nem mesmo um triplete de troféus faria com que Robson permanecesse por mais tempo no clube.

O jornalista Jonathan Wilson, autor de *The Barcelona Legacy: Guardiola, Mourinho and the Fight for Football's Soul*, conta que

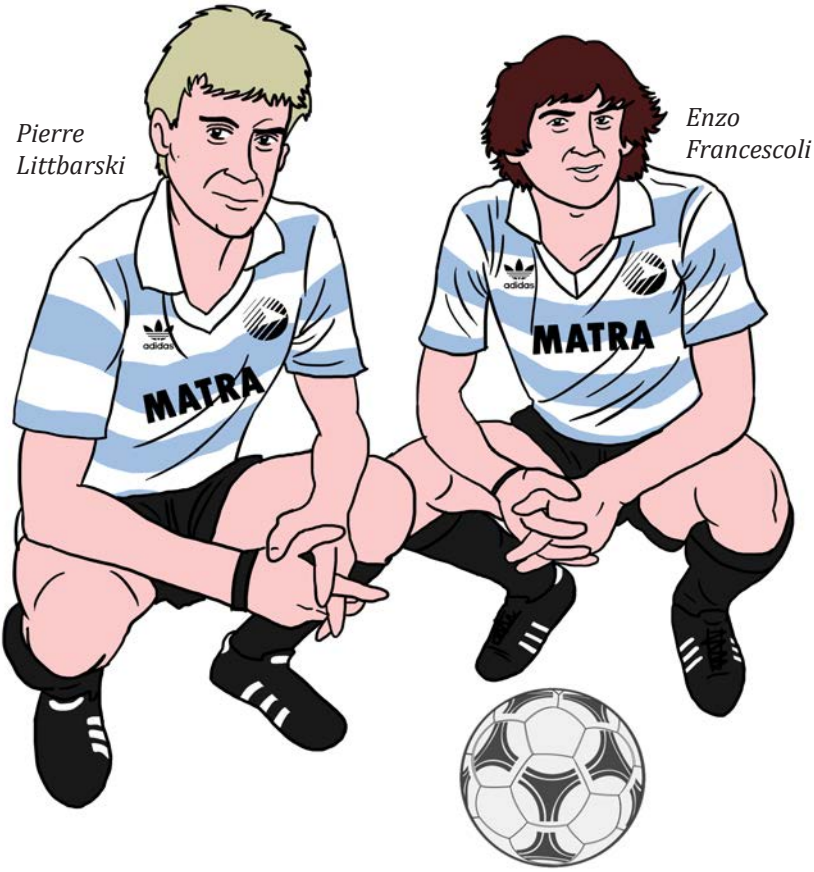
Robson esteve em meio a uma nebulosa crise política na diretoria do clube. As tensões quase sempre envolviam o choque de gestão e de postura do inglês nos vestiários. Cruyff pode até ter ficado no passado, mas o cruyffismo permaneceu intrinsecamente ligado ao que o Barça esperava da condução de um time de futebol. Como o estilo de Bobby era mais conciliador e de boas relações com os jogadores, longe das noções imprimidas pela escola holandesa (algo que foi dito publicamente por seu sucessor, Louis van Gaal), sua passagem estava, desde o início, fadada ao fracasso. Expectativa e realidade estavam demasiado distantes uma da outra.

A diferença de estilos desagradou um pouco os líderes do elenco. Pep Guardiola, por exemplo, dizia em sua autobiografia *La Meva Gent, El Meu Futbol* que demorou a ser convencido pelas ideias de Robson e, quando isso aconteceu efetivamente, o clube já estava praticamente fora da disputa nacional com o Real Madrid. A insubordinação dos atletas chegou ao último nível, com alguns dos jogadores (Guardiola sendo o mais representativo) desobedecendo ordens do comandante para decidir estratégias por conta própria.

Robson, escanteado pelos líderes do elenco e desprestigiado pela presidência, não tinha tanta saúde assim para comprar uma briga ou viver o Barça da maneira que se esperava dele. A luta contra o câncer, tratada com discrição, vinha desde os tempos de Portugal. Mas, de 1996 em diante, um tumor no cérebro passou a atrapalhar o inglês na parte final de sua trajetória. Fragilizado, manteve-se em atividade para não se deixar abater completamente. Até sua morte, em 2009, foram cinco casos diagnosticados de câncer. Lutar em duas frentes foi brutal demais para a saúde de Sir Bobby.

O Barcelona, por fim, não deu o braço a torcer e, antes mesmo do fim da temporada 1996-97, anunciou Van Gaal como treinador para o ciclo seguinte. A ideia era ter Bobby como diretor técnico, acima do holandês, mas a aventura durou apenas um ano e o inglês acabou sendo bem mais um figurante na estrutura blaugrana.

Em 1998, ele reassumiu o PSV. Foram dois anos intensos e de muita discussão na Catalunha. Entretanto, apesar de todos os prognósticos, diferenças e adversidades, Robson desafiou os trovões no Camp Nou e saiu vencedor, com boa imagem. ■



a fracassada experiência milionária que agitou paris

racing paris investiu tubos em reforços de nível mundial, mas quebrou antes de alcançar minimamente o sucesso planejado

por eduardo madeira jr.

Muito antes de o Paris Saint-Germain espantar a Europa com estrondosas contratações bancadas pelo dinheiro da Qatar Sports Investments — QSI, através de altos investimentos, outro clube da mesma cidade provocou reações semelhantes nos anos 1980. Só que, diferentemente do time de Neymar e Kylian Mbappé, o Matra Racing esteve distante de repetir o mesmo sucesso da equipe bancada pelo dinheiro qatari.

Em quatro temporadas na elite do Campeonato Francês, o clube que tinha como objetivo desbancar o Paris Saint-Germain não conseguiu mais do que um 7º lugar no torneio, mesmo buscando jogadores de peso, como Pierre Littbarski e Enzo Francescoli, grande estrela da companhia. O homem por trás disso tudo — e que acabou saindo frustrado e como vilão — foi Jean-Luc Lagardère.

O homem por trás de tudo

A história entre Lagardère e o futebol se cruzou nos anos 80. O empresário bem-sucedido do ramo aeronáutico estava disposto a investir no meio futebolístico; queria obter o protagonismo na capital francesa. Foi no Racing que viu a chance de bater com o pé na porta e crescer às custas de um time forte e popular. Clube antigo, a agremiação parisiense já havia erguido o título francês em 1936 e conquistado cinco taças da Copa da França, mas enfrentava um cenário de queda de divisões. O Racing Club de Paris foi rebaixado da elite em 1964 e só se afundou dali em diante.

A ideia inicial de Lagardère era promover uma fusão do Racing com o Paris FC, que estava na segunda divisão. Preocupados com o estado das finanças do PFC, os líderes do Racing recusaram a proposta. Lagardère, portanto, comprou apenas o Paris FC com a promessa de que se o clube permanecesse na segunda divisão, o Racing aceitaria a fusão.

Já como novo proprietário Paris FC, o empresário "antecipou" a fusão e renomeou o clube como Racing Paris 1, dando ainda as cores azul-céu e branco, já tradicionais do Racing. O objetivo de se manter na 2ª divisão foi atingido e, no verão de 1983, houve a fusão das equipes. A escalada até a elite veio rápido. Em 1983-1984, o Racing Paris deixava as divisões inferiores da França e voltava a figurar entre os 20 principais clubes do país no ano seguinte. O elenco era

robusto, composto por nomes experientes, como o goleiro Patrick Bas e o defensor Victor Zvunka, além de contar com a aposta argelina Rabah Madjer, que ganharia grande status ao marcar 20 gols na campanha do acesso. Alain de Martigny, técnico expoente na época, foi o condutor do time, conseguindo seu segundo acesso na carreira — em 1982, havia conquistado a segundona pelo Stade Brestois.

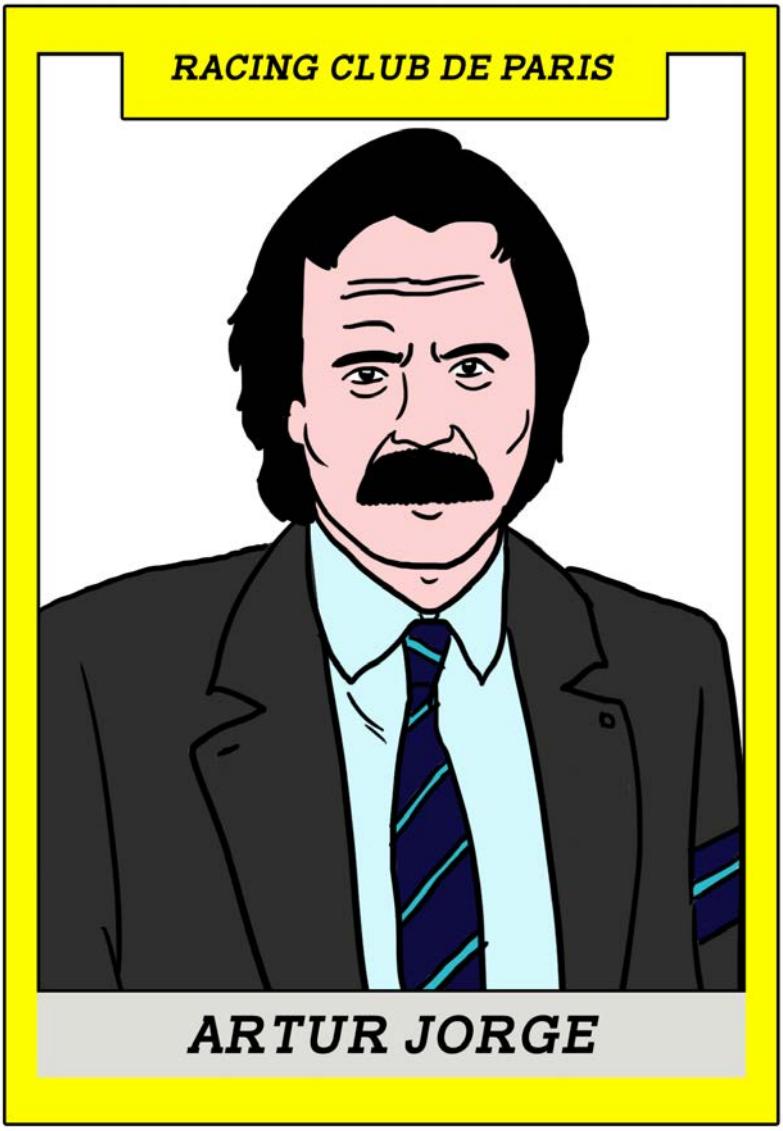
A primeira temporada do Racing na elite não foi das mais felizes. Alain de Martigny caiu no decorrer do campeonato, sendo substituído pelo "jogador-treinador" Zvunka, que não foi capaz de evitar o rebaixamento do clube — com apenas 26 pontos, na lanterna do certame. Contudo, um ano depois, estava de volta. Agora, dirigido por René Hauss, que foi lenda do Strasbourg como jogador e havia conquistado o Campeonato Belga três vezes pelo Standard de Liège nos anos 1970 já na casamata.

Com a volta à elite, Lagardère viu a chance de consolidar cada vez mais seu investimento e decidiu abrir o bolso. Numa tacada só, trouxe para a temporada 1986-1987 o uruguaio Enzo Francescoli, já considerado um dos grandes nomes do futebol sul-americano; o alemão Pierre Littbarski, carregando duas Copas do Mundo no currículo; além dos franceses Thierry Tusseau e Luis Fernandez, que dois anos antes haviam conquistado a Eurocopa com os Bleus.

Sucesso na certa? Errado!

Após 38 rodadas, o Racing Paris somara apenas 36 pontos, alcançando a modesta 13ª colocação, muito distante do campeão Bordeaux, que ergueu a taça com 53 pontos. Francescoli até fez a parte dele e balançou as redes 14 vezes. Foi o artilheiro do time — ficando à frente de nomes como Eric Cantona, do Auxerre, e Jean-Pierre Papin, do Olympique de Marseille — nada capaz de levar o time a uma posição mais relevante.

Mantendo a disposição para mudar essa história e fazer o clube subir de patamar, Lagardère foi às compras de novo. Reforçou o ataque com Gérard Buscher, maior goleador da história do Stade Brestois, além do goleiro Pascal Olmeta, do Toulon. Todos eles atuando agora sob o comando de Artur Jorge, que havia conquistado a Liga dos Campeões pelo Porto na temporada anterior. Ao seu


RACING CLUB DE PARIS
ARTUR JORGE

dispor, além das estrelas contratadas nos últimos dois anos, possuía o jovem David Ginola. O golpe de mestre de Jean-Luc, entretanto, foi fora das quatro linhas. Fazendo algo que no Brasil poderia ser chamado de "jeitinho brasileiro", o empresário conseguiu pressionar as autoridades francesas a autorizar a colocação de uma marca junto ao nome do clube. Da intensa briga surgiu o Matra Racing, agora fazendo referência à empresa que ficou famosa em alguns ramos como o automobilístico, o aeronáutico e o do armamento.

Apesar disso, o time não foi capaz de engrenar. Desde as primeiras rodadas, conviveu com a irregularidade. Nos dez primeiros jogos, conseguiu empatar seis e venceu somente duas vezes. O ponto alto para o acendimento do sinal de alerta foi na 10ª rodada, quando tomou 6 a 1 do Montpellier.

O único ponto alto daquela campanha se deu entre as rodadas 17 e 24. Os parisienses emendaram uma sequência invicta, com seis vitórias e dois empates. Então, o time de Artur Jorge chegou à terceira colocação, com 32 pontos, apenas três a menos que o Monaco, que liderava o torneio até então. O título parecia possível.

A derrocada

Apesar da melhora, os últimos dois meses da temporada foram de derrocada para a equipe. O Matra Racing não venceu nas últimas 12 partidas e despencou da segunda para a sétima colocação, a frustrante posição final. Mais frustrante ainda foi o público que assistiu aos jogos no Parque dos Príncipes — no acesso, o clube optara por deixar o Stade Olympique Yves-du-Manoir de lado para jogar na pomposa casa do PSG. Apesar de colocar mais de 26 mil pessoas na vitória por 1 a 0 sobre o Bordeaux, na 17ª rodada, terminou a temporada com menos de 8 mil pessoas no empate por 1 a 1 com o Brest.

A situação piorou em 1988-1989 e o Matra Racing, ainda treinado por Artur Jorge, só evitou o rebaixamento no saldo de gols, deixando o Strasbourg com a inglória missão de disputar a repescagem — acabou batido pelo Brest. Cansado de ver o time empacado, da falta de público nos jogos e das críticas vindas da imprensa, Lagardère desanimou. Em abril de 1989, anunciou que estava largando o clube. Junto dele, em debandada, vários atletas

deixaram a capital francesa e um time totalmente inexperiente e sem o luxo de antes se viu com a missão de tentar levar o Racing a algum lugar, o que nunca aconteceu.

Os resultados ruins podem ser explicados por várias razões, como a política do clube. Lagardère provocou uma ruptura completa na estrutura da agremiação, tentando importar para o futebol métodos tradicionais do mundo dos negócios. Ele considerava a equipe parte integrante do seu grupo, o Ramo Esportivo Matra. Em uma época em que a França se habituou a ver "presidentes estrelas" — como Claude Bez, no Bordeaux, e Bernard Tapie, no Marseille — a visão racional, técnica e fria de Lagardère provocou insegurança nos torcedores, que não andaram junto do time.

Lagardère se foi, o Matra Racing também e o clube voltou a se chamar Racing Paris 1, tornando-se sombra de seu passado. Caiu à Ligue 2 em 1990, perdeu qualquer condição financeira de se manter, e se viu alijado de seu status profissional — situação que não foi resgatada até hoje. Hoje, "zanza" pelas divisões amadoras do país. Quem diria que o sonho dourado dos 300 milhões de francos representariam um golpe tão pesado para o futuro de uma camisa tão tradicional? ■

técnico por 30 minutos

o dia em que cruyff deixou de ser torcedor e desceu ao banco de reservas para explicar como o ajax poderia virar um jogo

por felipe portes

O Ajax já não era aquela Coca-Cola toda em 1980, depois da debandada de sua geração de ouro, multicampeã na década de 1970. Treinado por Leo Beenhakker, o gigante de Amsterdã vivia uma fase de transição, poucos holofotes e aposta no futuro. Perdendo o protagonismo para o AZ Alkmaar, a equipe corria por fora na briga pelo título da Eredivisie.

O ano ia chegando ao fim. Depois de muitos tropeços, o Ajax alcançou a 14ª rodada pressionado, precisando vencer o Twente e superar o gosto amargo de um empate com o MVV na partida anterior. Em casa, no estádio De Meer, os Godenzonen vinham com força total para a reação. O jogo, marcado para 30 de novembro, contaria com uma presença especial: Johan Cruyff, filho pródigo daquela casa, novamente estaria nas tribunas para acompanhar o espetáculo. Naquele momento, ele era uma espécie de consultor técnico do clube, enquanto não se decidia sobre parar de jogar oficialmente.

Beenhakker tinha alguma ideia do que lhe esperava. Qualquer resultado negativo lhe renderia duras críticas por parte de Cruyff, que embora tivesse saído do Ajax anos antes, jamais abdicara de opinar na trajetória do clube. Quando a bola rolou, ficou claro que os donos da casa não teriam vida fácil. A fase ruim parecia fazer pesar a perna dos jogadores.

Embora as promessas da base já estivessem pedindo passagem, o treinador optou por escalar um time mais experiente contra o Twente. Do banco, o lateral Sonny Silooy, o volante Frank Rijkaard e o meia Gerald Vanenburg olhavam o desenrolar da partida. O único jovem entre os titulares era o centroavante Wim Kieft. Coube ao trio dinamarquês reger a orquestra naquela tarde: Frank Arnesen, Soren Lerby e Henning Jensen, que se revezavam com Jesper Olsen e Sten Ziegler, outros daneses que excediam a cota de estrangeiros permitida.

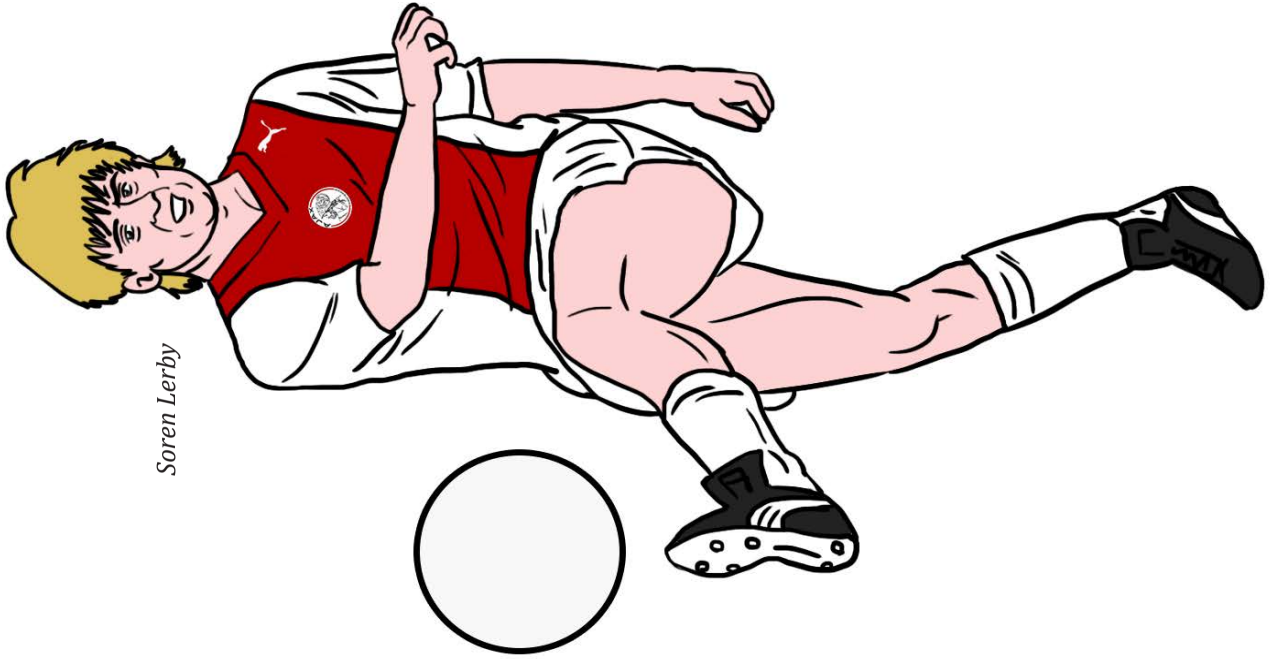
O Ajax era lento, errático e com descidas acidentadas ao ataque, nada que lembrasse a estupenda geração setentista. Era de doer os olhos. Aos poucos, a pressão alta deu algum resultado. Lerby recebeu na entrada da área, ajeitou para dar um último passe e foi derrubado. Arnesen fez de falta, cobrando com excelência. O

Twente, mesmo saindo atrás do placar, entendeu o que deveria fazer para dar o troco. Acelerando as ações e trocando passes, a equipe visitante se movimentou com rapidez para ocupar os espaços. A tabelinha acabou no bico da área ajacieden, e Hallvar Thoresen saiu de cara para o goleiro Piet Schrijvers, que foi impiedosamente driblado antes do gol, aos 21 minutos. A porteira estava aberta. E a boiada passou. Dois minutos depois, exposto defensivamente aos contragolpes, o Ajax corria sem rumo para marcar a ofensiva dos Tekkers. Após um lançamento longo e uma descida pela direita, um cruzamento caiu bem no pé de Thoresen, que se lançou à frente, tocou na bola e virou o jogo. As vaias foram cruéis no De Meer. Na transmissão da TV, as câmeras já buscavam o insatisfeito e inquieto Cruyff, ao lado do filho Jordi e sua esposa, Danny.

A vergonha aumentou aos 26, em um roteiro previsível. O Ajax perdeu uma boa chance na frente e imediatamente viu a resposta em forma de correria. Parecia uma tourada. O Twente usou poucos passes para chegar ao campo adversário. Mesmo com uma tentativa de falta, o gol era inevitável. O espanhol Sánchez Torres correu e carregou a bola até a entrada da área e bateu rasteiro por entre as pernas de Schrijvers, 3 a 1 para os visitantes, em cinco minutos.

O misto de vaias dos locais e a euforia da pequena caravana do Twente preencheu de forma curiosa o som do estádio. Estava tudo muito estranho: o Ajax apanhava diante de sua torcida e tudo indicava que a avalanche de gols ainda não havia terminado.

A cada chance perdida, o drama aumentava. E o volume das vaias também. Ficou insustentável. Quase sem querer, aos 37, Tscheu La Ling tentou cruzar e acertou um chute na gaveta, diminuindo o estrago. Contudo, o show de horrores lá atrás ainda era preocupante. Depois do intervalo, o tenso Beenhakker acendeu um cigarro no banco de reservas. Pouco depois, com a bola já rolando, tal qual Clark Kent descendo à cabine telefônica, Cruyff saiu das tribunas, atravessou o túnel e abriu o portão ao lado do banco do Ajax. Desapontado, mas sem ar de surpresa, Beenhakker levou uma bronca. E nem podia retrucar, pois diante dele estava o homem que mais sabia de Ajax, talvez até mais do que o próprio Ajax. Cruyff sinalizou, gesticulou, apontou os defeitos do seu time e as brechas do Twente. O banco todo parou para ouvir. O ilustre visitante



Soren Lerby

rapidamente se converteu no técnico do time da casa. E assim foi pelo restante da segunda etapa. Johan, um homem expressivo e idealista, adorava dizer que o futebol deveria ser jogado de maneira simples. Logo, os jogadores dentro de campo receberam as novas instruções. E começaram a reação, na base do talento.

Edo Ophof aproveitou um passe de Lerby vindo da linha de fundo e testou para as redes, 3 a 3, com 72 minutos jogados. La Ling e Arnesen completaram a remontada, em grande estilo, primeiro em uma falha do goleiro Eddie Pasveer e, por fim, em uma tentativa mal sucedida de driblar o mesmo Pasveer, mas com rebote. A massa ajacieden ficou em êxtase. O milagre estava completo. Cruyff teve seu nome gritado, enquanto a outrora irresignada torcida agora empurrava os jogadores rumo a uma virada inesquecível.

Beenhakker, inicialmente, lidou com o ocorrido de maneira política: "Falamos sobre o jogo e concordamos em pensar juntos numa solução para a virada. A presença dele não foi problema algum", comentou em entrevista à NOS, logo após o apito final. Mas o discurso mudou, com o passar dos anos, chegando ao ponto em que Leo afirmou ter se arrependido de não ter dado um soco em Cruyff na frente das câmeras, tamanho foi seu constrangimento.

Ao fim da temporada, ele saiu para treinar o Zaragoza, magoado com o vice-campeonato na Eredivisie. Naturalmente, a imprensa tomou o episódio do 5 a 3 como bastante desconfortável para o treinador do Ajax.

Cruyff, teimoso, não pensava assim. Em sua autobiografia, My Turn, Johan descreve aquele dia como se fosse algo comum: "O Ajax ganhou por 5 a 3. Depois disso, havia algum ruído na imprensa sobre como fiz Leo parecer um idiota. Mas, honestamente, eu faria aquilo novamente. Beenhakker sabia o que me pediram para fazer, e como consultor, fiz o que a situação exigiu. Era isso que estava acontecendo, o Ajax estava correndo risco de perder e eu sabia a solução por ver a partida das tribunas. Fui lá e disse o que achava, e isso é aceitável enquanto dá certo. Se não tivesse funcionado, viriam atrás de mim. Como técnico, eu adoraria ter um consultor que fizesse aquilo comigo", disse. Cinco anos depois, Johan assumiu o Ajax, iniciando mais um período vitorioso e de teimosias. ■

trivela
trivela.com.br
apoia.se/trivela

Paul Dickov

o dia em que o manchester city renasceu

a dez minutos de estar fadado à permanência na terceirona inglesa, o city escreveu um dos capítulos mais heróicos de sua história no wembley

por javier freitas

1999 foi um ano intenso para o futebol inglês, especialmente em Manchester. Comandado por Sir Alex Ferguson, o United era a força dominante na cidade, no país, no continente e... por que não dizer no mundo? Com uma verdadeira constelação dentro de campo, os Diabos Vermelhos conquistaram a Premier League, a FA Cup e a Liga dos Campeões, levantando as três taças num impressionante e curto espaço de tempo de dez dias, entre 16 e 26 de maio daquele ano.

Se do lado vermelho da cidade as coisas não poderiam estar melhores, do lado azul o cenário não poderia ser mais antagônico. O Manchester City vinha de dois rebaixamentos seguidos e amargava o pior momento de sua história, na terceira divisão inglesa. Apesar de um início de temporada promissor (com quatro vitórias, cinco empates e apenas uma derrota nos primeiros jogos), os Citizens foram perdendo ritmo e no Natal estavam na 13ª colocação, após perder por 2 a 1 para o York City — que em pleno 2020 disputa a semiprofissional sexta divisão inglesa.

No entanto, isso tudo foi ainda em 1998. Com a virada do ano, a sorte do clube também virou. Nos 22 jogos disputados entre 9 de janeiro e 8 de maio, o City perdeu apenas dois, tendo empatado sete e vencido treze. A campanha foi boa, mas não o suficiente para devolver os azuis à segundona de forma direta. O time terminou com 82 pontos, cinco atrás do vice-líder Walsall, que junto ao campeão Fulham alcançou o acesso direto.

Terminando em terceiro, o City teria que disputar play-offs para ver quem ficaria com a terceira e última vaga. O adversário na semifinal se tornaria uma pedra no sapato do time no futuro, mas, naquela ocasião, o Wigan não foi páreo para os comandados de Joe Royle. Com um empate por 1 a 1 em Springfield Park e uma vitória simples por 1 a 0 na antiga fortaleza dos Citizens, o Maine Road, o City se classificou para a final, com gol de Shaun Goater. Assim, na decisão, enfrentaria o Gillingham do treinador Tony Pulis, que havia eliminado o Preston North End com placares idênticos.

Independentemente da divisão, ou do contexto, uma final disputada em Wembley é sempre uma final em Wembley. Prova disso? Naquele 30 de maio, quase 77 mil pessoas lotaram as

arquibancadas do estádio que seria fechado um ano depois para dar lugar ao novo Wembley, "reinaugurado" em 2007.

Naquela altura, o City era tido como o favorito por uma série de motivos. Historicamente, havia sido um time de muito mais expressão do que o Gillingham; tinha um onze inicial melhor conforme os analistas; e tinha feito uma campanha superior na fase regular da liga, ainda que só tenha superado seu adversário por dois míseros pontos. Nos confrontos diretos, o City havia feito quatro de seis pontos possíveis, com um empate em Maine Road e uma vitória fora de casa por 2 a 0, no acanhado Prestfield Stadium. Mas diz o ditado: final não se joga, final se ganha. Como um lema, o Gillingham levou isso a cabo nos últimos dez minutos de uma partida absolutamente tensa. Nos 80 anteriores, o City havia sido superior. Vince Bartram, arqueiro dos Gills, estava em um dia inspirado e, quando não conseguiu conter o ímpeto dos atacantes mancunianos Paul Dickov e Shaun Goater, contou com a ajuda da trave e, como se sabe, quem não faz leva. Foi exatamente o que aconteceu.

Em um espaço de seis minutos, o atacante Carl Asaba abriu o placar para o Gillingham e seu parceiro de frente, Robert Taylor, aumentou a vantagem, três minutos antes do fim do tempo regulamentar. Naquele momento, qualquer pessoa garantiria não haver qualquer chance de o Manchester City buscar uma diferença de dois gols em tão pouco tempo. Dizer o contrário seria insano. Contudo, quem poderia imaginar que, justamente a partir daquele dia, os azuis de Manchester dariam início a um longo histórico de vitórias nos acréscimos? Pois é. Com o relógio passando dos 45 do segundo tempo, o meio-campista Kevin Horlock diminuía o placar e mergulhava o jogo em um mar de tensão, justo quando tudo parecia absolutamente tranquilo e encaminhado para o Gillingham.

Não é preciso ter dons adivinhatórios para saber que o emocional dos jogadores dos Gills se abalaria e que o City iria pra cima com as forças restantes, cinco minutos antes do fim. Aos 50', como se tivesse vindo do futuro, Goater fez as vezes de Mario Balotelli, enquanto Dickov foi Sérgio Agüero, quando ninguém em Manchester ainda tinha a mais vaga ideia do que estes nomes significariam um dia. O que se viu foi um lance assustadoramente parecido com o gol do título inglês de 2011-12, contra o Queens Park Rangers. No

momento em que a bola passou por Bartram e tocou o alto da rede, metade do Wembley entrou em êxtase, enquanto a outra parte não acreditava no que estava acontecendo. Afinal de contas, como era possível perder uma vantagem de dois gols com cinco minutos para o apito final? Aconteceu. Se há algo que o futebol ensina todos os dias é que tudo pode mudar em um segundo; a linha que separa o céu e o inferno é um ponto.

Herói no tempo normal, Dickov foi o único jogador do City a desperdiçar sua cobrança de pênalti, em um cenário que poderia transformá-lo em vilão em questão de minutos. No entanto, de forma igualmente rápida, o destino tratou de providenciar outro personagem principal: o goleiro Nicky Weaver, de apenas 20 anos, que havia chegado ao clube no início daquela mesma temporada. Com duas cobranças defendidas e uma corrida memorável pelo gramado do Wembley, o jovem arqueiro colocou seu nome na história do Manchester City. Terá ele mudado o curso da história do futebol inglês? Sheikhs árabes e petrodólares à parte, onde estaria o City sem o milagre de 30 de maio? Os torcedores são unânimes em dizer que o clube renasceu ali e não gostam nem de pensar no que poderia ter acontecido se o time fosse condenado a passar — no mínimo — mais uma temporada na terceira divisão. ■

a caixa mágica de zola

gianfranco zola foi fantástico com a camisa do chelsea, mas passagem fraca pela azzurra diminuiu sua estatura na itália

por felipe portes

Quem passou pelo Napoli entre 1984 e 91 certamente aprendeu muito com Diego Maradona, divisor de águas na história da equipe dos *partenopei*. São muitos os jogadores formados ou alçados ao estrelato no clube durante a passagem do argentino, instrumental na conquista de dois títulos da Serie A, uma Copa da Itália e uma Copa da Uefa. Um dos pupilos de Diego entre 1989 e 91 foi Gianfranco Zola, tirado do Sassari Torres, da terceira divisão local.

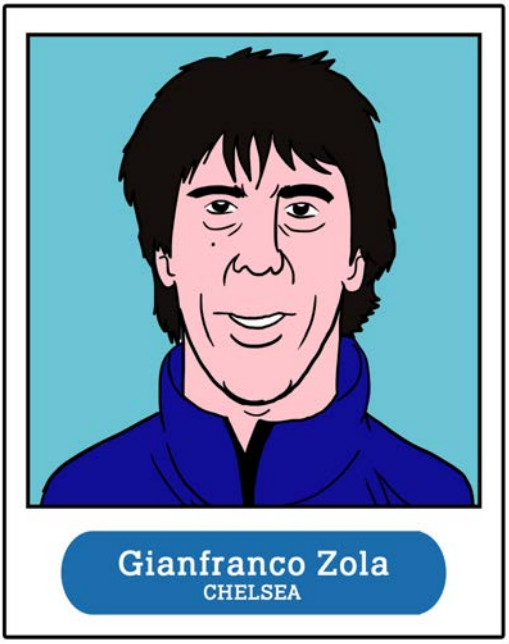
Nascido na pequena província de Oliena, localizada na Sardenha, cresceu apoiando o Cagliari. Sua carreira, iniciada em 1984 no Nuorese Calcio, ainda precisava de um empurrãozinho em equipes maiores. A boa participação na Serie C em 1987-88 lhe credenciou a uma aventura napolitana, a bordo de uma sensação mundial na virada dos anos 1980 para os 90.

Zola não era mais nenhum jovenzinho, no alto de seus 23 anos. Tinha uma longa carreira pela frente, mas precisava se provar no mais alto nível. Na Itália, Gianfranco desfilou seu talento apenas por dois clubes de elite: Napoli e Parma, entre 1989 e 1996. Seus anos na Serie A foram produtivos (ele chegou a marcar 19 gols em 32 jogos na primeira divisão de 1994-95), mas aparentemente ele nunca desfrutou do prestígio de outros atletas contemporâneos.

Um fator ajuda a explicar essa injustiça: com apenas 10 minutos de ação em uma Copa do Mundo — graças a uma expulsão precoce contra a Noruega — e uma participação na Eurocopa de 1996, que terminou em fracasso retumbante para a *Azzurra*, Zola jamais se firmou como protagonista ou sequer coadjuvante na seleção.

Seleção à parte, depois de uma passagem bem sucedida pelo Napoli, o *trequartista* viveu sua segunda grande mudança na carreira. Foi a partir da transferência ao Parma, que se aproveitou da fragilidade financeira do Napoli para pinçar o jogador, que assumiu a função de arquiteto dentro de campo em um projeto ambicioso, financiado pela Parmalat.

Em campo, conquistou a Copa da Uefa em 1995, mas foi deslocado para uma posição mais de marcação na temporada seguinte por Carlo Ancelotti, e eventualmente negociado por não se adequar ao plano de jogo do treinador. Foi dito que a chegada



de Hristo Stoichkov ocasionou o fim do reinado de Zola no Ennio Tardini, mas foi mesmo Ancelotti o responsável pela partida de Zola para o futebol inglês. A tacada do Chelsea foi certeira. Depois de assinar com craques vindos da Serie A como Ruud Gullit, Roberto Di Matteo e Gianluca Vialli, o time londrino apostou certo e ganhou na loteria com a contratação de Zola.

Foi Gullit, inclusive, quem convenceu o antigo rival a assinar com o clube. Em seu ápice técnico, o baixinho conduziu os londrinos a um período de sucesso, antecedendo os anos de ostentação financeira sob o comando de Roman Abramovich.

Lá, ganhou duas Copas da Inglaterra, uma Copa da Liga Inglesa, uma Recopa e a Supercopa Uefa. Todas como protagonista e artífice de grandes jogadas. A estreia na Liga dos Campeões também pesou a favor de Gianfranco, que demorou pouquíssimo tempo para conquistar o carinho das arquibancadas em Stamford Bridge. Quando foi excluído da lista de convocados para a Copa de 1998, por Cesare Maldini, optou por encerrar seu breve ciclo internacional,

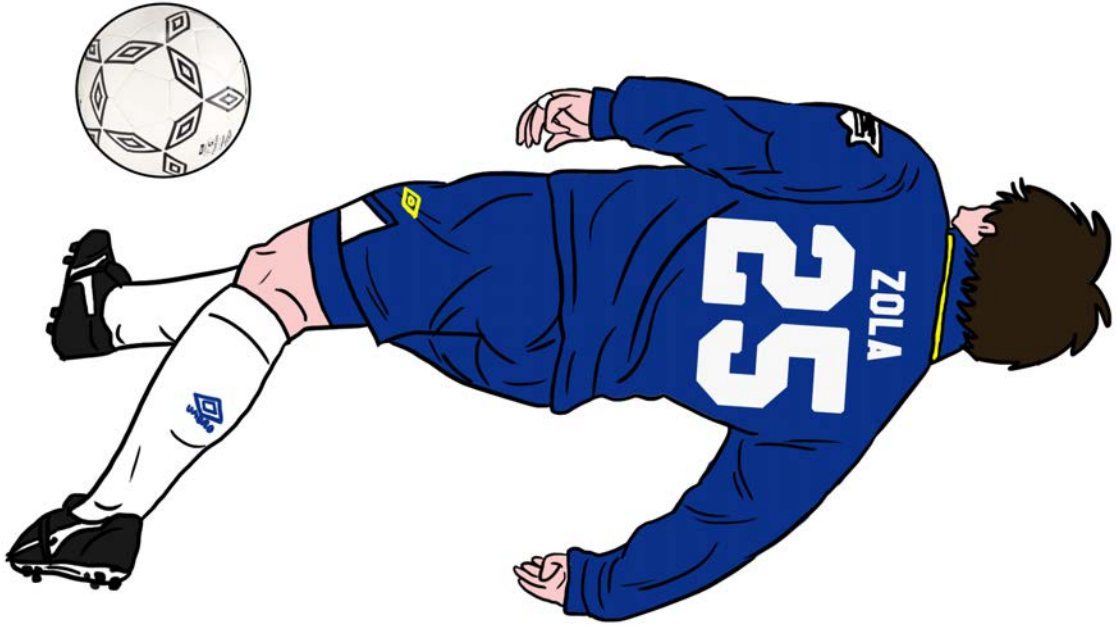
focando na carreira por clubes. Os números, aliás, não são de todo ruins: marcou 10 gols em 35 aparições. Foi o desempenho sem brilho em grandes torneios que pesou para a sua perda de moral com os comandantes azzurri. Mas a vida seguiu. "Parece que depois de eu garantir a ele [Cesare Maldini] a vitória na sua estreia, com gol em Wembley, começou um tipo de processo de exclusão gradual. Tenho sido, lenta, mas constantemente empurrado para fora [...] Ser deixado de lado me deixa dolorido. Não é apenas um grande desapontamento, é um golpe duro para mim, porque genuinamente acreditei que estaria dentro no último minuto", disse Zola ao *Independent,* após ser deixado de lado da seleção que foi à França.

De peça dispensável no Parma a astro maior da companhia em Londres, Zola foi ressignificado. Aos olhos dos ingleses, era *The Magic Box,* que em tradução livre significa caixa mágica, uma alusão ao seu tamanho diminuto e à sua capacidade ímpar de produzir grandes lances em curto espaço de tempo.

A rapidez de raciocínio e a visão ampla de jogo fizeram o italiano se encaixar como uma luva no meio-campo e posteriormente no ataque do Chelsea, em uma parceria que durou sete anos e o eternizou na história do Campeonato Inglês. Seu número, 25, foi aposentado após a saída, em 2003. Tivesse esperado mais algum tempo, teria feito parte do time campeão inglês em 2005 nas mãos de José Mourinho.

Apontado como o melhor jogador da liga pela FWA (Football's Writers Association) em seu ano de estreia (1996-97), Zola foi muito mais do que o motorzinho do Chelsea no fim da década. Foi a cara de uma agremiação que amargou anos de irrelevância na década de 1980 e no início dos anos 1990.

Os ingleses da revista *These Football Times* não hesitam em dar a ele um ar de salvador da pátria azulina: "Ele não apenas trouxe sucesso ao clube, mas fez isso de uma maneira sorridente e com um profissionalismo que definiu novos padrões. A dupla conquista da Copa da Inglaterra, o triunfo europeu na Recopa – quando um Zola fora de forma saiu do banco para resolver a final com um golpe suntuoso – e a Supercopa da Uefa exigiram algum espaço nas prateleiras da sala de troféus em Stamford Bridge, mais acostumada


ZOLA
25

a juntar poeira em vez de novas taças", definiu o jornalista Gary Thacker em um especial dos anos 1990 focado no italiano. Claudio Ranieri, seu treinador no Chelsea, também não poupou palavras elogiosas: "Gianfranco tenta de tudo, pois é um mago e o mago precisa tentar fazer das suas". Os dois conviveram no Napoli, entre 1991 e 93 e no Chelsea, entre 2000 e 2004. Ranieri sempre foi admirador confesso de Zola, e assim como seu conterrâneo, saiu antes de colher os frutos de uma era milionária na equipe. Apesar de ter montado a espinha dorsal do time vencedor nas mãos de Mourinho, o experiente comandante não era o nome predileto por Abramovich para a continuidade do projeto.

Zola tampouco estava nos planos do russo. Aos 37 anos, depois de mais de 200 jogos, estava em fase de declínio físico e não faria grande concorrência aos reforços talentos e numerosos que desembarcaram no Chelsea de 2003 em diante. Antes de perder completamente seu espaço, preferiu um aceno final em grande nota. Saiu como maior ídolo de uma geração e retornou à terra natal para atender um desejo infantil e tirar o Cagliari, da Serie B italiana.

Sua última grande obra na Inglaterra foi um gol diante do Norwich, pela Copa da Inglaterra. Após escanteio cobrado no bico da área, saltou para dar um toque de letra no ar, acertando o ângulo da meta adversária. O Chelsea elegeu recentemente este gol como o mais bonito de Zola em sua passagem pelos Blues. Antes disso, o italiano construiu uma galeria memorável de golaços, seja em cobranças de falta, em dribles letais, toques por cobertura ou em chutes em lugares inalcançáveis. Nesse ponto, o mago era bastante versátil.

Se na Itália a lembrança que se tem de Zola é a dos primeiros anos em Napoli e Parma, ou mesmo a contribuição para devolver o Cagliari à elite, na Inglaterra o trequartista é uma autoridade. Os feitos com a camisa do Chelsea povoam o imaginário do inglês aficionado pelo seu campeonato, no qual Gianfranco foi dono da bola e grande atração, contracenando com outros astros de Manchester United e Arsenal, grandes forças locais na sua época. Zola levou arte à terra do *kick and rush* e talvez tenha sido este o motivo da sua admiração por parte de tantas torcidas inglesas além da que lhe reconheceu como ídolo incontestável. ■

entrevista com louis myles

diretor do documentário sobre carlos henrique kaiser fala sobre o filme e a personalidade do homem que enganou o futebol brasileiro

por felipe portes

Carlos Kaiser era uma figura completamente desconhecida no Brasil até o início da década de 2010. Depois de ludibriar e servir a clubes cariocas, passando-se como jogador, resolveu contar a sua história para quem quisesse ouvir. Em vez de ser visto como um picareta atrevido, Kaiser ganhou fama de vingador. Afinal, retribuiu anos e anos de canalhices praticadas por clubes com jogadores e torcedores. Para muitos, Carlos não passa de um mentiroso. Para outros, era um sonhador que teve a chance de se realizar dentro do futebol, ainda que tenha sempre passado longe da bola.

Você deve ter esbarrado na história de Kaiser como aquele falastrão que revelou ter fingido lesões para evitar entrar em campo. Rei dos contratos curtos, pulou de galho em galho fazendo poucas partidas e seu currículo é duvidoso demais para ser listado na totalidade. O que se sabe é que o pseudo-jogador fez amizades importantes no futebol, entre craques e cartolas, e essa relação favoreceu sua continuidade no meio da bola. Renato Gaúcho, Bebeto e Ricardo Rocha estão entre seus "padrinhos" mais relevantes. Castor de Andrade, bicheiro e histórico manda-chuva no Bangu, era outro figurão que passou a mão na cabeça do rapaz.

A história, que passa por mentiras, mulheres, festas e parcerias (muitas vezes secretas) foi contada pelo diretor Louis Myles em *Kaiser: The Greatest Footballer Never To Play Football*, ou O Maior Futebolista A Nunca Ter Jogado Futebol. O documentário conta com ricas entrevistas de amigos e conhecidos de Kaiser e estreou em 2018 na Europa. Sem data definida para aparecer no Brasil, segundo Myles, o longa não poupa detalhes da inacreditável trajetória de Kaiser.

Os entrevistados são os já citados Bebeto, Renato Gaúcho e Ricardo Rocha, além de Búfalo Gil, ex-treinador do Botafogo, Júnior, ex-lateral do Flamengo e hoje comentarista da *TV Globo*, além do dirigente Paulo Angioni, jornalistas cariocas e amigos de Kaiser. É por eles que se entende como foi possível envolver tanta gente em torno da mentira contada por Carlos. Justamente por ter algo a oferecer em troca aos que o cercavam, o "atleta" era figurinha carimbada nas rodas de jogadores. Ele podia até não saber jogar futebol, mas tinha cartas interessantíssimas na manga para levar adiante sua "carreira".

É mais ou menos isso que Myles nos contou em uma conversa, proporcionando uma perspectiva diferente sobre a lenda e sobre o homem Carlos Henrique Raposo, apelidado e celebrado como Kaiser. O que Louis descobriu? O que pretendia contar? Como foi lidar com Kaiser? E como explicar o seu auge ter sido baseado em uma lorota bem planejada?

Relvado: Como você descobriu a história de Kaiser? O que estava procurando quando começaram as filmagens? Pontos fracos, "causos" inéditos ou depoimentos cruciais das estrelas brasileiras?

Louis Myles: Um dos meus produtores me trouxe a história e eu fui completamente impactado por ela. Toda vez que pensava no que Kaiser fez, senti que era verdadeiramente inacreditável. Daí fomos até o Rio para procurar por ele, sem saber seu paradeiro. Eu trabalhara no Rio anteriormente, então sabia um pouco sobre a cultura local. Como a história foi apresentada no Reino Unido de forma que Kaiser fosse um golpista, fomos para a pesquisa de olhos bem abertos. Penso que, olhando para trás, queríamos saber quanto daquilo era verdade, e se poderíamos fazer um filme sobre. Era para ser o projeto mais memorável da minha vida. Entrevistamos todos, de bicheiros a jogadores, de policiais a estrelas pornô. Todo mundo conhecia o Kaiser.

Você teve alguma chance de entrevistar Kaiser? Como se sentiu em relação a ele no início? Algo mudou na sua visão depois do filme?

Kaiser estava sempre querendo permanecer no controle da narrativa. Sabíamos que ele iria apresentar apenas um lado da história para nós. Mas por falar com outras pessoas que também o mostrariam como um cara bacana, tornou-se um verdadeiro jogo de gato e rato atrás da verdade.

No fim, decidimos que a verdade não importava muito, era a maneira errada de se encarar as coisas. A história não é Carlos Kaiser, o 171 que queria ser jogador. É Carlos Kaiser, o 171 que queria viver uma vida incrível por meio do futebol. E foi isso que ele fez. Agora que terminamos o filme, minha visão dele é bem melhor.

Bebeto é um dos amigos que ajudaram Kaiser a se manter no futebol. O campeão mundial de 1994 é um dos que mais contam histórias no documentário de Myles, por conta da longa convivência. Mas não fica claro em que período eles estiveram juntos e em qual clube...

Durante o processo, queríamos amarrar uma narrativa, dar sentido às coisas, mas me frustrei em muitas ocasiões. Só mesmo quando me distanciei e olhei tudo de outra forma é que pude vê-lo com uma ótica mais positiva.

Os depoimentos são importantes para ver como os principais jogadores conheciam Kaiser e de alguma forma permitiram que ele estivesse no mundo do futebol. Suas lesões falsas, no entanto, não estavam no centro de sua vida enquanto jogador. Ele era útil em uma maneira curiosa para os jogadores e diretores. Vocês sabiam disso antes do filme ou foi algo que surgiu durante a produção?

Sabíamos que ele era festeiro e de sua boa relação com Castor. Mas não acho que estávamos preparados para a quantidade de detalhes que ele descreveu sobre favores e como ele consolidou seu lugar no coração da sociedade carioca. Ele criou um mundo muito bem elaborado no qual todos lhe deviam favores. O que era brilhante para nós: pessoas envolvidas nessas mentiras nos contavam aos risos sobre os acontecimentos. E eles realmente amavam Kaiser. Bebeto, por exemplo, chorou quando Kaiser apareceu em sua entrevista, pois não o via há tempos e não sabia de sua saúde frágil.

*(*Nota do editor: Kaiser está com problemas sérios de visão, até onde se sabe.)*

Filmes sobre golpistas geralmente são intrigantes, pois sempre há uma sensação de que as pessoas ao redor do protagonista fazem vista grossa para as mentiras. É verdade que ele não fez mal a ninguém além dos clubes, na sua opinião?

Sim. Muitos dos clubes não quiseram se envolver na produção do filme, por motivos óbvios. Mas temos diretores de equipes no filme, como Búfalo Gil, que esteve acompanhando tudo de perto quando Kaiser passou pelo Botafogo. Em grande parte do tempo, Kaiser não estava oficialmente contratado como jogador, mas vivia dizendo para os outros que fazia parte do elenco. Para isso, convenceu pessoas a legitimá-lo como jogador, uma pessoa de grande valor. Fizemos alguns trabalhos com um professor de Oxford que estuda comportamentos de golpistas e psicopatas, Dr. Kevin Dutton. Kevin

Kaiser e Renato Gaúcho, um dos amigos que levou do futebol para a vida. Hoje, Carlos se refere a Renato como um irmão que a vida deu

acredita que Kaiser foi um golpista brilhante, mas reconhece que seja injusto reduzi-lo a um golpista. Afinal, ele não causou danos a ninguém em sua história, e você pode constatar isso vendo reações reais das pessoas com quem ele conviveu. Isso nunca acontece com golpistas. E pela sua natureza empática com os outros, Kaiser certamente não é um psicopata.

Como jornalista, foi difícil lidar com a situação, dado o fato de que seu protagonista não era uma pessoa confiável? Como as testemunhas te ajudaram a entender a real história envolvendo Kaiser? Ele se contradisse algumas vezes e o filme parece ser um tanto implacável com ele em determinados momentos.

Eu desisti de encarar o filme como jornalista por volta do segundo terço da produção e comecei a tratar como algo muito, muito maior. É uma história sobre sociedade, sobre a vontade de acreditar na utilidade de gente como o Kaiser nos nossos círculos sociais. Para fazer isso, tínhamos de mostrar nossa jornada, que obviamente é implacável. Mas acredito que ele, Carlos, saia bem de

tudo isso. Pense também pelo seguinte: jornalistas se concentram em fatos e figuras, tentando extrair veracidade sobre como e quando ele esteve nesses clubes que diz ter defendido. Mas é bem mais complicado e nebuloso que isso. Ele passou por alguns times, mas em outros apenas finge ter passado. Ninguém pergunta se Frank Abignale Jr (protagonista de *Prenda-me Se For Capaz*, interpretado por Leonardo Di Caprio) pode pilotar um avião ou ser um cirurgião de verdade. Eles sabem que estão sendo enganados por ele. Kaiser, por sua vez, não sabia jogar futebol, mas os jogadores permitiram que ele estivesse no meio futebolístico. Isso é impressionante.

O malandro é uma figura muito popular na cultura brasileira. Ser esperto e oportunista é muito mais importante e recompensador do que ser honesto, para algumas pessoas. Outros caras como Kaiser, mitomaníacos, foram pegos em fraudes, e sabiam que estavam pegando um atalho para o sucesso. Sabendo disso, você acredita que a sociedade inglesa iria tolerar esse tipo de pessoa como acontece aqui no Brasil?

Bem, nós elegemos Boris Johnson como Primeiro Ministro… Eu tenho uma visão um pouco diferente de sucesso depois que terminei de fazer o filme. Penso que você tem um cara que se fez numa cidade maravilhosa, porém muito complicada. Ele queria o glamour, mas não tinha o talento de um jogador de futebol. Por outro lado, tinha um talento incrível de raciocinar rápido, de criar uma história e fazer todo mundo acreditar nela. Kaiser pode até ser um malandro, mas temos de reconhecer sua capacidade. E também é preciso que se diga que ele não fraudou a vida de ninguém e sequer roubou dinheiro. Ele seduziu pessoas a fazer o que ele queria, e como retribuição, queria que sua história fosse conhecida. Kaiser poderia muito bem ter sido um traficante, um cafetão ou mesmo um trabalhador comum, ganhando pouco e sobrevivendo.

O que mais te intrigou em Kaiser? Como ele se portou durante as entrevistas?

Ele é um fantástico contador de histórias. Eu acho que é a melhor história de futebol de todos os tempos. Porque é uma fábula, quase de outro planeta, é surreal. Eu acho que ele é folclórico. Como uma versão futebolística do Saci Pererê. ■

Kaiser provavelmente nunca deve ter treinado em seus tempos de Botafogo. Mas achamos legal tentar retratá-lo mesmo assim

relvado

revistarelvado.com.br

AJAX

"Não há maior medalha do que ser reconhecido pelo seu estilo"

(Johan Cruyff)